

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E
INSTITUCIONAL

Daiane Maus Marques

A(s) Clínica(s) Psicológica(s) e a Diversidade Sexual: percorrendo trajetórias de vida

Porto Alegre

2010

Daiane Maus Marques

A(s) Clínica(s) Psicológica(s) e a Diversidade Sexual: percorrendo trajetórias de vida

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Social e Institucional. Programa de Pós Graduação em Psicologia Social e Institucional. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Henrique Caetano Nardi

Porto Alegre

2010

Daiane Maus Marques

A(s) Clínica(s) Psicológica(s) e a Diversidade Sexual: percorrendo trajetórias de vida

Local e data de defesa e aprovação: Porto Alegre, 26 de abril de 2010

Comissão Examinadora:

Prof^a Dr^a Betina Hillesheim – Universidade de Santa Cruz do Sul

Prof^a Dr^a Jane Felipe de Souza – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof^a Dr^a Analice de Lima Palombini – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Para Alzemilda Simon, minha avó querida,
pelo amor incondicional.

“A idéia de que o prazer físico provém sempre do prazer sexual e a idéia de que o prazer sexual é a base de *todos* os prazeres possíveis, tem, penso eu, verdadeiramente algo de falso” (Michel Foucault).

AGRADECIMENTOS

O curso de psicologia pode nos levar por vários caminhos... agradeço a todos e a todas que de alguma forma contribuíram para que eu seguisse a minha trajetória da forma que ela vem se construindo...

Agradeço profundamente aos entrevistados e às entrevistadas pela confiança e disposição e, também, às pessoas que possibilitaram nossos encontros.

Ao Henrique pela paciência, dedicação e disposição sempre!

Aos colegas e às colegas do NUPSEX – Núcleo de Pesquisa em Relações de Gênero e Sexualidade – por todas trocas e aprendizados conjuntos.

Agradeço a Capes por me possibilitar os recursos para a caminhada.

Aos professores e professoras de todas etapas do processo da minha aprendizagem, principalmente àqueles e àquelas que me despertaram um pensamento crítico e/ou um pensamento fantástico.

Às hiper-rizomáticas do meu coração: vocês foram fundamentais na minha/nossa trajetória e hoje são fundamentais na minha vida: Priscila (a mais presente!), Grace, Michele, Paula e Thiele.

Às primeiras companheiras dessa viagem pelo mundo da pesquisa: Nalva e Thaís, hoje por caminhos completamente diferentes e distantes, mas figuras marcantes no meu processo de construção do pensamento, bons tempos contra uma metodologia científica absoluta: ‘abaixo às variáveis’, para que mesmo isolar todas essas variáveis? Sabem, realmente acreditei/acredito nisso.

À Janaína, pela eficiência. Carmen, pelo acompanhamento.

Ao meu pai por sempre questionar para que tudo isso? E a minha mãe por sempre acreditar que tudo, tudo mesmo, daria certo.

A minha irmã Deisi e ao Bruno pelo apoio e pelo carinho sempre.

À Mônica, Lourdes e Juarez pela compreensão nos momentos de distância.

Ao Claudio, pelo amor.

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo central compreender como sujeitos que se autodefinem como homossexuais descrevem a prática psicológica de seus/suas terapeutas no que tange à forma como estes/estas abordaram na terapia a questão da sexualidade de forma ampla e da orientação sexual em particular. Nesta direção buscou-se pensar a forma como a clínica psicológica se associa ao dispositivo da sexualidade na contemporaneidade. A partir dos conceitos foucaultianos de enunciado e formação discursiva e apoiando-se em Judith Butler e Michel Foucault, foram analisados os relatos das trajetórias de vida de sujeitos homossexuais que já passaram por atendimento psicológico. A partir do estudo fica evidente o quanto uma lógica identitária de caráter essencialista se faz presente na constituição do/da terapeuta e daqueles/daquelas que os/as procuram. Esta forma de conceber a subjetividade está presente na construção e manutenção de diversas clínicas psicológicas e no caráter heteronormativo que elas sustentam. Além disso, a clínica psicológica apresenta-se fortemente associada a um saber disciplinar que tem por competência o estudo do desenvolvimento “normal” da sexualidade. Essa apresentação da clínica impregna fortemente o senso comum. Somos subjetivados por um saber que fala da figura materna, paterna, das fases sexuais e que estabelece um padrão de desenvolvimento, classificando como anormal aqueles/aquelas que não respondem às características padronizadas. Por fim, a pesquisa aponta para as questões que cercam a(s) clínica(s) psicológica(s) nesse momento - com ênfase àquela(s) que faz(em) uso da psicanálise – ou seja, quais as possibilidades de deslocá-la(s) desse lugar marcado pela lógica originada na técnica cristã da confissão e baseada em pressupostos heteronormativos.

ABSTRACT

This research has as a main goal understand how subjects that define themselves as homosexuals describe the psychological practice of their therapists in the manner how hi/her treated in therapy the sexuality in a wide way and the sexual orientation in particular. It was thought the way the psychological clinic associate themselves to the dispositive of sexuality on contemporaneity. From the Foucault concepts of statement and discursive formation and leaning Judith Butler and Michel Foucault, were analyzed descriptions from the life trajectories of homosexuals subjects that have already been truth psychological treatment. From the study is clear how much a logic of identity of essentialist character is present in the constitution of the therapist and the ones who look for them. This way of understanding the subjectivity is present in the construction and maintenance of several psychological clinics and on the heteronormative that they support. Besides that, the psychological clinic introduces itself strongly associate to a disciplinary knowledge that has for competence the study of the "normal" development of sexuality. This presentation of the clinic strongly impregnates the common sense. We are subjectified from a knowledge that talks about the maternal figure, paternal figure, the sexual phases and that establishes a pattern of development, defining as abnormal those who not answer to the padronized characteristics. Finally, the research leads to questions about psychological clinics in this moment - with emphasis to those who uses psycanalises - this is, which of the possibilities to dislocate the clinic of this marked place for logic originated on christian technique of confession and based on heteronormative presuppositions.

SUMÁRIO

1. UM POUCO DE INTOLERÂNCIA.....	12
2. BONS ENCONTROS.....	16
Gabi.....	18
Dispositivo da sexualidade/dispositivo da aliança (Foucault).....	20
Rafa.....	21
Formação discursiva (Foucault).....	23
Duda.....	23
Subjetividade (Foucault).....	25
Bere.....	25
Sexo/gênero/desejo (Butler).....	27
Kaká.....	27
3. TRAJETÓRIAS, HISTÓRIAS, REDES DISCURSIVAS.....	29
4. É MELHOR MORRER DO QUE SER VEADO.....	33
4.1 - Cultura heteronormativa.....	33
4.2 - O anormal.....	38
4.3 - Dispositivo da sexualidade.....	42

5. EU TINHA UM POUCO NA CABEÇA AQUELE NEGÓCIO	
DE QUE EU IRIA PRO INFERNO.....	50
5.1 - Lógica do cristianismo / famílias religiosas.....	50
5.2 - Confissão.....	53
5.3 - Psicanálise.....	60
6. MINHA MÃE FEZ TODA UMA NOVELA: AONDE	
FOI QUE EU ERREI.....	68
6.1 - O Saber / disciplinarização do conhecimento.....	68
7. POR UMA CLÍNICA NÃO FASCISTA – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	91

1. UM POUCO DE INTOLERÂNCIA

Quando escrevi o projeto que hoje tem como resultado esta dissertação, obviamente construí uma justificativa. Volto a apresentar tal contextualização, visto que os motivos que me levaram a compor o projeto ainda parecem ter um valor político e social importantes. Entretanto, a partir das entrevistas, percebi que não havia justificativa maior do que o mal-estar que algumas falas me proporcionaram. Quando eu como pesquisadora escutei algumas frases como, por exemplo, a da jovem Gabi: “ela iria vencer no tratamento se eu voltasse e dissesse que estava namorando um menino, que virei heterossexual”, eu, como psicóloga, me envergonho. Vergonha de ser psicóloga, de estar imersa no ambiente acadêmico e saber que pelas faculdades de psicologia ainda se ouve que homossexualidade é um desvio do que seria o desenvolvimento normal. Louro (2007) traz uma expressão de Maite Larrauri, estudiosa espanhola, ela fala daquilo que é intolerável. Para ela o intolerável é o que é tido pela maioria como aceitável. Ver o sujeito homossexual como um desvio de comportamento é algo comum em nossa sociedade, comum nas escolas, comum nas piadas das rodas de amigos e, muitas vezes, comum nos consultórios de psicologia. Este comum foi construído pelo próprio saber médico/psicológico que deu bases científicas para que isso se propagasse como verdade. Isso tudo é, pra mim, intolerável. Determinar qual deve ser o desejo do sujeito a partir de um determinismo biológico é intolerável. É intolerável uma psicóloga¹ vir à mídia, afirmar que cura os/as homossexuais (colocando-os/as na categoria de doentes) e ser apenas advertida pelo Conselho Federal de Psicologia, mesmo tendo uma resolução que determine que o/a

¹ A psicóloga Rozângela Justino em entrevista a Revista Veja (ver referência: Justino, 2009).

psicólogo/psicóloga não pode adotar ações que favoreçam a patologização das práticas homoeróticas.

Apesar de parecer absurdo, a despatologização da homossexualidade é algo recente. Podemos constatar o fato a partir das datas em que alguns grupos que representam o saber médico/psicológico retiraram de seus códigos a associação homossexualidade=doença. Em 1973, a Associação Psiquiátrica Americana e, em 1975, a Associação de Psicologia Americana retiraram o termo homossexualidade de seu rol de patologias. Já em 1987, a terceira edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais (DSM) fez a revisão e a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID) alterou a questão apenas em 1993. O Conselho Federal de Psicologia Brasileiro, em 1999, regulamentou que os/as psicólogos/psicólogas não poderão atuar profissionalmente no intuito de patologizar a homossexualidade (Matias, 2007). Em 2004, foi lançada, no Brasil, a política pública denominada “*Brasil sem Homofobia - Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e de Promoção da Cidadania Homossexual*” (Conselho, 2004). Entretanto, fica claro que esse conjunto de atitudes que podemos vir a chamar de uma tentativa de despatologização da homossexualidade não foi capaz de acabar com questões advindas de uma cultura punitiva que incluía o homossexual nas listas de aberrações e perversões ‘cientificamente’ comprovadas (Leal, 2004).

Esta dissertação é o resultado da articulação de estratégias para realizar a pesquisa acerca da pergunta: Como sujeitos que se autodefinem como homossexuais descrevem a prática psicológica de seus/suas terapeutas no que tange a forma como estes/estas abordaram

na terapia a questão da sexualidade de forma ampla e da orientação sexual em particular? A pergunta foi um disparador para as entrevistas com cinco pessoas que contaram suas trajetórias de vida, as quais relataram aspectos das clínicas psicológicas em sua relação com a questão da diversidade sexual. O que segue é essa conversa de teorias, trajetórias de vida e tentativas de análise em que busquei ser o mais fiel possível aos textos/falas, buscando fazer uma análise arque-genealógica, apesar de ser impossível não deixar passar um pouco meu posicionamento em algumas situações, principalmente naquelas em que me deparei com o *intolerável*.

Outro fato importante de salientar na forma da escrita é que ela virá sempre tensionada quando a palavra supuser duas possibilidades: masculino/feminino. Isso será feito de forma a deixar claro que não concordo com a representação da escrita usando o sujeito masculino universal como é construída nossa linguagem, opto por seguir a forma de escrita comum nos textos a partir das contribuições dos estudos feministas. Outro aspecto que uso na dissertação é a construção dos codinomes dos entrevistados no sentido de serem nomes possíveis tanto ao feminino quanto ao masculino. Tal estratégia talvez não seja suficiente para deslocar na escrita a lógica heteronormativa no sentido de dizer *Duda namora um menino*, por exemplo, já que Duda poderia ser uma moça (estando condizente com o que se considera “normal”). Mas parece que esse nome mais livre, é um nome de n possibilidades e é nesse sentido que pretendo usá-lo. Seria assim uma forma constante no texto de questionar por que o nome masculino ou feminino (poderia ser aqui perguntado: por que o sexo, por que o gênero?) determinado no momento em que a ecografia mostra ou que o/a médico/médica aponta se tem

pênis ou vagina, seja imperativo para o tipo de desejo que aquele bebê deverá ter por toda sua vida.

2. BONS ENCONTROS

Quando estava compondo o projeto não imaginei que seria tão complicado encontrar os/as voluntários/voluntárias para as entrevistas. Como a opção foi não buscar os sujeitos de pesquisa a partir do convite a algum grupo identitário/ONG LGBT – tendo em vista que a idéia era ter um grupo heterogêneo a fim de não padronizar as opiniões frente ao que seria conversado, como o atendimento psicológico, por exemplo, e considerando ainda que muitas vezes a trajetória de vida de pessoas pertencentes aos grupos já foi contada por elas como exemplo de vida, no sentido de como “saiu do armário”, como lutou/luta contra o preconceito, em encontros que desenvolvem a temática – chegar aos/às entrevistados/entrevistadas foi um pouco difícil. Durante a realização da pesquisa conversei com muitas pessoas, tanto as que me indicaram possíveis “sujeitos de pesquisa”, quanto os próprios “sujeitos”. Com a prática fui encontrando rostos e nomes que se dispuseram a falar durante mais de uma hora sobre suas vidas. Conversamos muito além do que a pergunta inicial recortava – sobre a abordagem da questão da homossexualidade no atendimento psicológico – conversamos sobre a vida de cada um/uma deles/delas. Era muito mais que a resposta sobre a questão que eu tinha ali gravada, tinha uma história de alegrias, dores e algumas vezes de bastante sofrimento. Senti-me muito lisonjeada de poder estar diante das reminiscências marcantes de cada entrevistado/entrevistada, que em todas as conversas contaram sobre como foi se perceber homossexual, de que forma se viram, de que forma se aceitaram ou não se aceitaram, como as famílias perceberam ou se ainda não perceberam. Algumas cenas como a do primeiro apaixonamento e a do primeiro beijo ou a de algum relacionamento marcante foram contadas, muitas vezes não num sentido romanceado como o senso comum estabelece que seriam esses

acontecimentos, mas principalmente num sentido de conquista, de quebra de algo estruturado, de um ato de superação. Muito eles/elas contaram até mencionar como um/uma profissional *psi* atravessou suas vidas. Alguns/algumas, entretanto, começaram falando do *setting* terapêutico, i.e., descreveram o que aconteceu dentro do espaço de atendimento, como foram as sessões, se houve ou não houve empatia com o/a terapeuta, etc., mas na continuidade outros aspectos de suas histórias me eram contados. Saía de cada encontro com muito material para ser transcrito e muito satisfeita, não com algumas coisas específicas que eu escutava, principalmente a respeito da forma que os/as psicólogos/psicólogas marcaram o percurso de alguns/algumas dos/das entrevistados/entrevistadas, nem com cenas familiares muitas vezes duras de serem escutadas, mas sim com a riqueza da vida, com a possibilidade de eu poder estar ali, ouvindo aspectos tão tocantes para cada uma daquelas pessoas que contavam com tamanho orgulho cada luta ganha nas micropolíticas² do dia a dia.

Optei por apresentar o texto de uma forma cadenciada de teoria e entrevistas, não dividindo uma e outra, por entender as falas gravadas e transcritas como pertencentes aos arquivos de nosso tempo. Tais arquivos não têm mais ou menos peso que a teoria escrita que também será utilizada, eles serão usados conjuntamente e digamos, no mesmo nível, por considerar que as entrevistas demonstram uma forma possível de falar da realidade, assim como as teorias utilizadas. Não é minha intenção apresentar os estudos de Judith Butler e Michel Foucault, por exemplo, como saberes/verdades absolutos, da mesma forma que não pretendo apresentar as falas dos/das entrevistados/entrevistadas como essa verdade única,

² Micropolítica é uma expressão usada por Guattari (2000) no sentido se “uma analítica das formações do desejo no campo social” (p. 127). Nesse contexto, ele usa os termos molar e molecular e diz que ambos estão no mesmo nível, assim uma ação do sujeito do desejo (molecular) tem interferência no campo social (molar).

tanto os textos quanto as transcrições nos indicam as condições de possibilidades para que essa forma de falar e de produzir teorias possa emergir e não outras.

Nessa parte que falo dos encontros, apresento brevemente os principais pontos de articulação da minha escrita: os/as entrevistados/as e os conceitos que julgo essenciais para o entendimento da dissertação. Depois dessa breve apresentação pretendo que esses pontos sigam conversando ao longo do texto no qual serão incluídos trechos de falas e de teoria na tentativa de uma composição. Apresento tanto os conceitos quanto os/as entrevistados/entrevistadas nesse mesmo espaço para reforçar meu entendimento de pensar a fala produzida por esses sujeitos como redes enunciativas. Assim introduzo cada sujeito do qual posteriormente trabalho com as falas, como apresento alguns conceitos principais com os quais trabalho com seus desdobramentos. Tento ir evidenciando os enunciados³ tanto da teoria quanto das entrevistas, buscando clarear o máximo possível o que parece emergir naquele contexto, mas de forma que não seja uma abordagem interpretativa ou explicativa, pretendo uma articulação dos enunciados para tentar compreender como eles podem aparecer da forma que aparecem.

Gabi

Encontrei Gabi em uma confeitaria. Ela era a atendente. Anos atrás eu havia feito um breve curso no qual nós fomos colegas, mas quase não conversávamos. No dia que fui fazer

³ Sobre enunciado, ainda nesse capítulo, haverá uma breve explicação no momento em que falo de formação discursiva. No próximo capítulo falarei sobre a metodologia mais especificamente, comentando, inclusive, como entendo o uso do termo enunciado, a partir de Michel Foucault.

um lanche ela me atendeu. Conversamos um tempo, ela contou o que fazia e eu também falei o que tinha feito nesses últimos anos. Perguntei sobre a filha dela que na época era bebê. Ela disse que passava uns dias com a tia e que já estava grande. Disse ainda que ficou sabendo que eu casei e comentou que estava casada com uma menina. Foi quando falei um pouco mais da pesquisa e, depois de perguntar se ela já havia feito terapia e dela confirmar que sim mas já fazia muito tempo, eu a convidei para a entrevista. Ela aceitou. Gabi tinha uma hora e meia de almoço e teria que ser nesse horário, assim o local da conversa não poderia ser muito distante. Eu disse que voltaria ainda naquela semana para marcarmos um local e um horário. Fiquei um pouco apreensiva em encontrar o lugar, já que não poderia ser em Porto Alegre em função da distância para a entrevistada (o encontro se deu numa cidade da região metropolitana), mas logo lembrei de uma amiga que tem um consultório na mesma rua da confeitaria. Falei com ela e consegui o consultório emprestado. Marquei com a Gabi. Nesse momento fiquei apreensiva se o fato de ser um consultório de psicologia não poderia ser um fator que interferisse demasiadamente na entrevista, mas depois de ouvir a gravação, tive a impressão que isto não influenciou. O lugar, aparentemente, não mudou a forma da entrevistada conversar, mas de qualquer forma preferi sentar com ela junto a uma mesa (escrivadinha) do que nas duas poltronas dispostas do outro lado.

Um pouco mais sobre Gabi

Gabi tem 23 anos e foi à psicóloga, levada pela mãe, quando tinha 18 anos. O motivo foi ela ter terminado um namoro com um rapaz e dizer para a mãe que iria começar a sair à noite para ver o que era que ela queria, já que estava gostando de uma menina.

Gabi tem uma filha de sete anos que mora com ela e com a companheira. Ela engravidou após ter sofrido abuso sexual por um amigo da família. Quando estava com a barriga aparente, a mãe a colocou num “lar de meninas” para que pudesse ter a filha e ficar longe do abusador e dos comentários dos vizinhos até o nascimento e os primeiros meses de Bruna. Apesar de Gabi relutar, sua mãe a convenceu a incluir no registro de nascimento da criança o nome do pai para que garantisse a pensão alimentícia. Durante o tempo que esteve no internato Gabi foi atendida por uma psicóloga, ela trabalhou a questão do abuso e do fato de ser mãe, não conversaram sobre a orientação sexual. Depois de já ter voltado para casa teve um namorado, mas se deu conta que gostava de meninas. Ao dizer isso para mãe, esta marcou terapia para filha e conversou previamente com a psicóloga. A profissional teve uma postura bastante crítica em relação à sexualidade. Ela permaneceu na terapia por três meses. O terceiro contato com uma psicóloga foi uns dois anos depois, da qual ela gostou em função de não questionar a sua orientação sexual, mas não teve como manter o atendimento em função do custo.

Dispositivo da sexualidade/dispositivo da aliança (Foucault)

Esse é um conceito central na minha escrita. O dispositivo da sexualidade instituiu a sexualidade como a verdade maior sobre o indivíduo, sendo assim, os corpos e os prazeres passaram a ser objetos de um grande controle. Foucault (2006) diz que apesar da hipótese repressiva ser bastante trabalhada e discutida, o que podemos perceber é que nunca se falou tanto sobre sexo quanto no início do século XX até os dias de hoje. Esse falar sobre o sexo leva a busca de uma verdade. Assim, o sexo passa a ser esquadrihado e os padrões de

normalidade estabelecidos pelas diferentes ciências da racionalidade moderna. O autor apresenta também o dispositivo da aliança através do qual se fixavam os parentescos e se transmitiam os nomes e os bens. O dispositivo da aliança ainda está atravessado no social hoje, embora ele tenha dado lugar (em termos de importância) a partir do século XVIII, ao dispositivo da sexualidade. É no interior das práticas psicológicas que o dispositivo revela seu funcionamento e por esta razão julguei importante apresentá-lo brevemente já aqui.

Rafa

Entrei em contato com Rafa por indicação de uma amiga com a qual falei sobre a pesquisa. Ela conversou previamente com ele e depois me passou o telefone. Liguei para ele que se mostrou muito prestativo e disposto a participar da pesquisa, o problema era encontrar um espaço na sua agenda. Pedi para que eu ligasse na próxima semana ao meio dia para tentarmos conciliar o horário do final da tarde. Liguei e ele não podia. Assim foram algumas três ou quatro tentativas, até que consegui uma hora no horário do almoço. Sugeri a mesma sala que entrevistei Gabi, agora já estava ambientada, mas ele preferiu a praça de alimentação de um hipermercado na região metropolitana de Porto Alegre. Fiquei apreensiva em função do barulho, das pessoas em volta e tudo mais, mas concordei. Cheguei primeiro ao local, faltavam dez minutos para as treze horas (horário combinado). Escolhi uma mesa com poucas pessoas à volta. Pedi uma água e dois copos. O cenário trocava rapidamente e em alguns minutos já tinham várias mesas ocupadas ao meu redor. Liguei para o Rafa para dizer mais ou menos a posição da mesa, até porque nós não nos conhecíamos e para ter certeza que ele não havia esquecido da entrevista. Observava todos os homens sozinhos que se direcionavam para a

praça de alimentação em busca de quem eu esperava. Ele chegou às 13h20min. Na verdade ele que tinha horário (uma hora para entrevista – como frisou no telefone), mas acabamos conversando cerca de uma hora e meia, nos despedimos perto das 15h.

Um pouco mais sobre Rafa

Rafa tem 29 anos, é natural de um município próximo a Porto Alegre com cerca de 60000 habitantes. A família continua morando neste local e ele está se mudando da capital para outra cidade da região metropolitana. Morou alguns meses no exterior e hoje está fazendo curso de graduação. Diz que procurou um psicólogo pela primeira vez quando tinha 17 anos, em função da família achar que ele não estava rendendo no curso técnico no qual estavam investindo, estando extremamente desorganizado com muitos aspectos da sua vida. A questão da homossexualidade não foi trabalhada. Dois anos depois teve uma forte crise depressiva e diz ter sido quando se descobriu homossexual ao se apaixonar por um amigo e não entender o que estava acontecendo. A família é de origem alemã, muito católica. Desde criança ele participa de grupos de danças folclóricas alemãs e aulas de música, sempre teve muitas atividades. Num encontro de dança folclórica conheceu uma pessoa por quem se apaixonou e não foi correspondido. Nesse momento procurou a segunda psicóloga e era atendido quatro vezes por semana com um trabalho de vivência aos sábados; essa questionou sua homossexualidade e sugeriu que ele procurasse uma menina. Teve outros relacionamentos e algumas decepções, tentou suicídio. Lembra muito de cada data em que teve algum acontecimento ligado as suas descobertas homossexuais e afirma que “para nós homossexuais quando começa a descobrir esse mundo é um acontecimento muito novo”.

Formação discursiva (Foucault)

Para Foucault, a partir da *Arqueologia do Saber* (2007), o discurso é visto pelo discurso e não pelo o que há por trás dele como forma de explicá-lo ou interpretá-lo. É preciso entender o jogo de relações, ou seja, a ordem do discurso, e ter clara a idéia de que ao se falar do objeto, constrói-se esse objeto. O enunciado pode ser entendido como uma função, como algo que se expressa e faz funcionar toda uma rede. A formação discursiva é constituída pelos enunciados, os quais produzem/formam discursos e, nesse sentido, o enunciado também nunca é algo em si, mas sempre em relação. Assim, para fazer uma análise da formação discursiva é necessário sair da representação, no sentido de pensar o que determinada palavra quer dizer, e ouvir o que está sendo dito, perceber como e de que lugar é falado, de modo a evidenciar como aquela rede enunciativa (fala/texto) marca o tempo em que é dito/escrito e qual a posição que ocupa o sujeito ao enunciar.

Duda

Encaminhei, através de correio eletrônico, uma apresentação sobre a minha pesquisa para uma lista de contatos meus. A idéia era que me indicassem amigos/amigas, conhecidos/conhecidas que se dispusessem a fazer a entrevista e que se encaixassem no perfil dos entrevistados/entrevistadas ou que me passassem o contato de pessoas que poderiam vir a se encaixar e com as quais eu faria um contato prévio. Uma amiga disse que receberia um amigo em sua casa durante o final de semana e que ele se colocava à disposição para a pesquisa. Na sexta-feira liguei para ela para marcarmos o horário e o local. Ela colocou seu

apartamento à disposição. Era um dia muito frio. Desci do ônibus na parada que ela havia indicado e liguei para avisar que estava ali. Ela me encontrou na parada e me levou até seu apartamento. Conversei com Duda na sala do apartamento dessa amiga em comum. Ela nos apresentou e depois saiu nos deixando à vontade para conversar.

Um pouco mais sobre Duda

Duda tem 30 anos, ensino superior incompleto, mora com os pais. A mãe de Duda foi quem marcou atendimento psicológico para ele; quando ele soube, já estava marcado. Ele disse estar numa fase introspectiva na época, tinha em torno de 21 anos, não falava com ninguém, ia direto para o quarto. Resistiu ir à terapia, dizia para a mãe que não estava louco, que não queria, que tinha vergonha. Simpatizou com a terapeuta já na primeira sessão e diz que só falou da homossexualidade depois do quarto encontro, por ter outras coisas que estavam incomodando-o mais naquele momento. Disse ter tido um histórico de infância em que vestia roupas da mãe e era mais delicado que alguns amigos, fase em que os tios e primos achavam que ele era homossexual, mas que isso ficou na infância, depois sua vida foi “praticamente heterossexual”. Segundo ele, com a terapia acabou descobrindo que a homossexualidade contribuía muito para outros aspectos que não estavam bem na sua vida. Afirma que a psicóloga encarou a questão da homossexualidade de uma forma muito positiva e não fez nenhuma crítica. Conversaram sobre amigos deles que tinham a figura do pai meio ausente, falaram um pouco do seu pai, mas brevemente. Desde pequeno sempre teve medo, sempre tentou evitar pensar em qualquer coisa relacionada à homossexualidade em função do seu pai e da sua mãe serem evangélicos e ele temer “ir para o inferno”. O irmão também é

homossexual e Duda afirma ter ficado muito apreensivo se os pais soubessem tanto dele quando do irmão. Contou para a mãe depois que já não estava mais em terapia, ficou muito receoso imaginando que poderiam acontecer coisas horríveis, inclusive a morte de sua mãe ou uma doença grave quando ela soubesse, o lamento dela foi que jamais poderá ter uma festa de natal em família, visto que os filhos terão duas vidas, a de dentro e a de fora de casa... O pai não sabe da sua homossexualidade. Afirma sempre ter tido muito preconceito em relação a homossexuais.

Subjetividade (Foucault)

O conceito de subjetividade nesse trabalho será usado a partir de Foucault. Nesse sentido, é possível entender a subjetividade como a experiência que se faz de si a partir de um determinado jogo de verdades. Como jogo de verdades, Foucault se refere a um conjunto de procedimentos que produzem a verdade, assim como o regime que adquire legitimidade social ao sustentar e, ao mesmo tempo, definir os contornos de uma forma de dominação (Nardi, 2006).

Bere

Outro dia gelado. Esse foi o dia mais frio de todos. Era de manhã. Estava caminhando em direção à casa de Bere, com uma cópia do mapa na mão. O meu contato com ela também foi em função dos e-mails. Bere é companheira de uma conhecida minha. Essa conhecida me respondeu o e-mail dizendo que estava encaminhando para Bere para que eu pudesse marcar

com ela. Fiquei esperando o retorno, mas não tive. Liguei para a pessoa que eu conhecia e ela ficou de me ligar depois de confirmar um horário. Alguns minutos depois ela me ligou e estava marcada a entrevista. Cheguei ao apartamento de Bere que estava sozinha. Ela pediu que eu sentasse enquanto ela organizava algumas coisas. Sentei num sofá e ela em uma cadeira um pouco distante. A gravação ficou um pouco ruidosa, talvez pela distância do gravador. No meio da entrevista chegou uma pessoa, ela pediu licença, conversou com essa pessoa que ficou num outro cômodo onde tinha um computador, e posteriormente continuamos a entrevista.

Um pouco mais sobre Bere

Bere tem quarenta e dois anos, tem formação superior, já concluiu o doutorado e continua estudando. Morou no interior do estado até os 15 anos, veio para Porto Alegre com toda a família em função de problemas de saúde de um irmão e coincidindo também com a época de dar continuidade aos estudos dos filhos. A primeira relação com os profissionais psi foi quando sua mãe descobriu que, aos 14 anos, ela tinha uma namorada e a levou a um psiquiatra para que ele a tratasse. Esse profissional não falava abertamente da sexualidade, mas a questionava muito sobre comportamentos desviantes, por exemplo, o uso de drogas. Depois passou por vários outros profissionais. A segunda experiência foi uma psicóloga junguiana que usava roupas extravagantes, unhas compridas e cabelos longos e que sempre trazia frases de efeito e falava durante quase toda a sessão. O outro psicólogo que ela procurou era jovem e com ele ela teve bastante empatia; o profissional não questionou sua orientação sexual. A quarta experiência foi com uma psicóloga que tentou curá-la da homossexualidade.

Sexo/Gênero/Desejo (Butler)

Muito do que Judith Butler (2003) propõe será utilizado na construção do texto que segue. Um aspecto fundamental é a crítica que ela faz à regra compulsória do sexo determinar o gênero que por sua vez vem a determinar o desejo, o que implicaria, por exemplo, um sujeito que tenha o sexo biológico anatomicamente definido como homem, comporte-se por um padrão social de gênero masculino e sinta desejo de ter relacionamentos com mulheres. Butler considera que o gênero possa ser construído, mas coloca outros pontos para serem considerados. Quando fala em sexo questiona: “E o que é, afinal? o ‘sexo’? É ele natural, anatômico, cromossômico ou hormonal” (pág. 25). Outro ponto é pensar se o sexo também não é construído como o gênero e assim talvez não tivesse porque distinguir um do outro.

Kaká

Conheci Kaká há mais de dez anos no ambiente educacional. Ele era uma pessoa por quem eu tinha muita admiração e com quem aprendi muitas coisas. Quando lembro do tempo em que tínhamos maior convivência, lembro em alguém de bem com a vida e sempre disposto a auxiliar os outros. A partir dos e-mails enviados, uma pessoa muito próxima a mim, sugeriu que eu conversasse com um colega seu. Após me passar os dados, percebi que eu conhecia a pessoa, mas não a via há muitos anos. Fiquei um pouco apreensiva de fazer o contato e depois de entrevistá-lo, até porque de certa forma era meu conhecido e parecia para mim diferente das outras pessoas com as quais eu não tive uma convivência prévia ou daquelas que eu conhecia apenas de vista. Kaká fora meu professor, talvez isso implique uma relação hierárquica e por

isso eu tenha ficado menos à vontade, diferente do que aconteceu com Gabi, por exemplo, que fora uma colega que tive em um outro curso. Ele, entretanto, se colocou à disposição desde que sua identidade fosse preservada.

Um pouco mais sobre Kaká

Kaká tem 48 anos, ensino superior, dois filhos e vive numa cidade da região metropolitana. Foi casado durante doze anos até o falecimento de sua esposa e durante todo esse período teve uma vida heterossexual. Diz já ter pensado se era ou não bissexual algumas vezes, mas sempre mudava o foco do pensamento. Conheceu um amigo em um curso de especialização por quem ficou apaixonado e começou um relacionamento. Resolveu fazer terapia pois estava com muitas dúvidas. A terapia durou poucas sessões (duas ou três), ele logo desistiu não concordando com as interpretações da profissional, mas lembra que a psicóloga perguntava se a ‘opção sexual’ não poderia ter haver com a morte da esposa, como se fosse uma forma de não traí-la com outra mulher, mesmo depois de viúvo. Os filhos não sabem dos relacionamentos homossexuais. Eventualmente tem algum envolvimento heterossexual, mas hoje não é sua preferência.

3. TRAJETÓRIAS, HISTÓRIAS, REDES DISCURSIVAS

Nesse gravador muitas histórias. Gabi, Rafa, Bere, Duda, Kaká, além de histórias, podemos falar em redes discursivas. Redes discursivas que nos permitem pensar os processos de subjetivação, a partir de como cada um/uma desses/dessas personagens se relacionam com o regime de verdades, de que forma cada um/uma experiencia o conjunto de regras que os/as/nos constroem. Arquivos que permitem também pensarmos os modos de subjetivação, percebendo como os sujeitos se relacionam com as regras, de que forma se vêem obrigados a cumpri-las e como se reconhecem nessa obrigação. Nardi (2006) nos faz pensar que as formações discursivas disputam um lugar legítimo na produção das verdades, e isso fica mais claro se entendermos com o autor, a partir de Dubar e Demaziere, que as entrevistas podem ser consideradas a materialização do social em palavras.

Se Bere e Gabi podem falar da forma que falam existem condições que deram possibilidade para isso. Assim percorrer a trajetória de vida de Duda e Rafa, por exemplo, não se trata de fazer um estudo de caso, não é isso que pretendo. Busco entender como a discursividade que configura o que entendemos por homossexualidade atravessa a clínica psicológica. Para isso será necessário percorrer o percurso da psicologia e da homossexualidade. Na escrita que segue apresentarei alguns aspectos históricos entremeados com a vida dos/das entrevistados/entrevistadas.

Cabe ainda lembrar que pretendo fazer um estudo usando como inspiração a genealogia. O intuito é usar a inspiração genealógica não no sentido da intensidade de

exploração das fontes tal como Foucault realizou, tenho noção da grandiosidade de tal tarefa. É pretendido, a partir do modelo genealógico, buscar compreender os jogos de verdade que atravessam esses discursos, buscando problematizar conceitos e sentidos naturalizados.

A intenção da pesquisa genealógica é produzir rupturas na lógica da linearidade, do desenvolvimento e da comensurabilidade que marca(ra)m a racionalidade científica moderna, começando pelo questionamento do que é a “verdade” (NARDI et al., 2005, p. 1046).

Como ferramenta de pesquisa empírica foram utilizadas entrevistas baseadas na perspectiva das trajetórias de vida a partir do relato de cinco pessoas homossexuais/bissexuais (Gabi, Duda, Bere, Rafa e Kaká) que passaram por atendimento psicológico (e que não estavam mais em atendimento).

O uso da metodologia da trajetória de vida, por sua vez, busca analisar um determinado recorte no contexto sócio-histórico e entender o funcionamento e a forma que ele emerge a partir de mecanismos, lógicas e processos que o constituem. Nas entrevistas foi utilizada uma questão inicial (a partir da explicação da metodologia e de deixar claro que se trata de uma questão ampla, para ter um ponto de partida), a qual foi entendida como um filtro na fala do entrevistado e serviu também como forma de indução da pesquisa: Como a questão da orientação sexual foi abordada durante o tratamento psicológico?

O objetivo da pergunta inicial foi estimular o/a entrevistado/entrevistada a relatar impressões do atendimento psicológico em relação à homossexualidade. Quando o relato não aconteceu espontaneamente o/a entrevistado/entrevistada foi estimulado/estimulada a relatar

como ele/ela vê na sua vida a questão da homossexualidade; sobre o motivo da busca por atendimento psicológico; se a terapia teve em algum momento como foco a homossexualidade e, se teve, de que forma foi conduzida; se houve alguma mudança na sua visão da homossexualidade antes e depois da terapia.

O registro dos relatos foi feito a partir da gravação das entrevistas, consentida pelos/pelas entrevistados/entrevistadas. Os/As participantes assinaram o “termo de consentimento livre e esclarecido”. Foi utilizado também um diário de campo a fim de registrar as impressões, sensações e afetos da pesquisadora junto ao campo, o qual será fundamental no momento da análise, tendo em vista que o objeto da pesquisa e o pesquisador são da mesma ‘natureza’, por se tratar de um estudo dentro das ciências humanas (Nardi, 2006).

A trajetória de vida não vem a se preocupar com a veracidade do que é dito e sim como é possível falar do lugar em que se fala e da forma que se fala. Como afirma Fischer, o importante é “objetivar mais a identificação do que permite que a narrativa emergja enquanto discurso do que a busca de uma verdade ali contida” (1997, p.13).

Para analisar as trajetórias de vida é importante ter em mente dois conceitos fundamentais: enunciado e discurso. Nem toda fala é um enunciado, torna-se enunciado a expressão que pode ser entendida num certo tempo. O discurso, por sua vez, pode ser entendido como:

(...) um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram uma dada época e

para uma determinada área social as condições de exercício da função enunciativa (Foucault, 2005, 133).

O sujeito não é constituído apenas por uma identidade psicológica, uma vez que esta mesma identidade se constitui também por meio de práticas de poder, de conhecimento e/ou por técnicas de si (Revel, 2005). Para finalizar e pensando nas entrevistas, é particularmente útil a quarta recomendação de Foucault, i. e., a regra da polivalência tática dos discursos, a qual parece deixar clara a questão do poder, desvinculando mais uma vez da idéia de lei, na medida que afirma que “os discursos como os silêncios, nem são submetidos de uma vez por todas ao poder, nem opostos a ele” (Foucault, 2006, p. 111).

4. É MELHOR MORRER DO QUE SER VEADO

4.1 - Cultura heteronormativa

“É melhor morrer do que ser veado”, fala do pai de Duda trazida por ele na entrevista. Vivemos em uma cultura heteronormativa na qual os sistemas jurídicos, educacionais e médicos são constituídos dentro da lógica da existência de dois sexos, o masculino e o feminino, e dois respectivos gêneros também designados como o masculino e o feminino. A homossexualidade, por sua vez, dentro dessa cultura, é vista a partir da figura do homossexual como um sujeito anormal. A(s) psicoterapia(s) pode(m) ser construída(s) e estar dentro dessa cultura; muitas vezes ela(s) vê(em) o/a homossexual como alguém para ser tratado/tratada. Entretanto, o código de ética profissional da Psicologia estabelece que o/a psicólogo/psicóloga não pode agir de forma a tratar os sujeitos em função de sua homossexualidade:

Art. 2º - Os psicólogos deverão contribuir, com seu conhecimento, para uma reflexão sobre o preconceito e o desaparecimento de discriminações e estigmatizações contra aqueles que apresentam comportamentos ou práticas homoeróticas.

Art. 3º - os psicólogos não exercerão qualquer ação que favoreça a patologização de comportamentos ou práticas homoeróticas, nem adotarão ação coercitiva tendente a orientar homossexuais para tratamentos não solicitados.

Parágrafo único - Os psicólogos não colaborarão com eventos e serviços que proponham tratamento e cura das homossexualidades.

Art. 4º - Os psicólogos não se pronunciarão, nem participarão de pronunciamentos públicos, nos meios de comunicação de massa, de modo a reforçar os preconceitos sociais existentes em relação aos homossexuais como portadores de qualquer desordem psíquica (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 1999).

Apesar do que o código estabelece, existem muitos casos em que as ações contrariam o que nele está escrito. Um exemplo recentemente veiculado na mídia é o caso da psicóloga evangélica Rozângela Justino. A profissional afirma curar os/as homossexuais. Abaixo segue um trecho da entrevista que ela concedeu à revista Veja:

Revista Veja: Há estudos que mostram que ser gay não é escolha, é uma questão constitutiva da sexualidade. A senhora acha mesmo possível mudar essa condição?

Rozângela: Cada um faz a mudança que deseja na sua vida. Não sou eu a responsável pela mudança. Conheço pessoas que deixaram as práticas homossexuais. E isso lhes trouxe conforto. Conheço gente que também perdeu a atração homossexual. Essa atração foi se minimizando ao longo dos anos. Essas pessoas deixaram de sentir o desejo por intermédio da psicoterapia e por outros meios também. A motivação é o principal fator para mudar o que quiser na vida (Justino, 2009, p. 18).

Rozângela foi apenas censurada publicamente pelo Conselho Federal de Psicologia, mas percebe-se, a partir de sua entrevista, que ela continua agindo de forma contrária ao que o código estabelece. Percebemos um discurso atravessado por enunciados heteronormativos de cunho religioso associados ao saber científico.

Revista Veja: Isso não é discriminação contra os que são homossexuais e gostam de ser assim?

Rozângela: Isso é o que você está dizendo, não é o que a ciência diz. Não há tratados científicos que digam que eles existem. Eu não rotulo as pessoas, não chamo ninguém de neurótico, de esquizofrênico. Digo que estão esquizofrênicos, que estão depressivos. A homossexualidade é algo que pode passar (Justino, 2009, p. 19).

O exemplo de Rozângela Justino é um caso bastante divulgado na mídia e a psicóloga adota um posicionamento bem claro e sem nuances. Entretanto, o que pude perceber nas entrevistas é que muitos/muitas profissionais adotam uma postura impregnada pela cultura heteronormativa, mesmo não falando abertamente em curar a homossexualidade, eles/elas

fazem uma abordagem inicial buscando detectar as causas da homossexualidade (geralmente ligando-as a algum tipo de trauma ou falha no processo de desenvolvimento) e muitas vezes questionando enfaticamente a orientação sexual. Além disso, em alguns casos, percebe-se que o/a profissional não toca no assunto da sexualidade e tenta entender o comportamento por ele/ela considerado desviante a partir de outras atitudes do sujeito. Na fala de Bere temos um exemplo de como a idéia da psicoterapia atravessava a sua família, o primeiro atendimento ocorreu no início da década de 1980:

Aí ela (a mãe) disse: vou te mandar pro psicólogo pra te curar. Então a primeira noção que eu tive de psicoterapia era a idéia de um especialista que ia curar minha doença. Aí era um psiquiatra. Eu lembro que ele me perguntava muito sobre drogas, não falava direto sobre sexualidade. Parecia que ele tentava fazer uma ligação da queixa com o uso de drogas. A queixa que eu digo da minha mãe, que falou primeiro com ele. E a maconha, os amigos, lembro que eu dizia que não gostava do cheiro e ele insistia ‘mas tu nunca experimentou?’, isso pra mim ficou muito marcado. Tinha toda uma relação com um comportamento desviante. Isso que eu via. E da sexualidade ele nunca tocava direto no assunto (Bere).

Butler (2003) se apóia na História da Sexualidade I de Foucault ao afirmar que o fato de sermos sexuados já implica em estarmos submetidos a um engenhoso conjunto de regulamentações sociais. A autora acrescenta que a categoria sexo é sempre reguladora e que tomar essa categoria naturalizada, sem pensá-la de forma crítica “amplia e legítima ainda mais essa estratégia de regulação como regime de poder/conhecimento” (p. 143). Butler (2003) usa o termo *matriz heterossexual* ao falar da grade de inteligibilidade cultural que naturaliza o sexo, o gênero e o desejo. A autora busca referências em Monique Wittig e Adrienne Rich a fim de caracterizar o modelo hegemônico heterossexual como prática compulsória que implica na necessidade de um sexo estável com respectivo gênero estável, ao qual terá outro sexo em

oposição e hierarquicamente distinto. É possível perceber nas falas dos/das entrevistados/entrevistadas como na de Gabi e de Duda, por exemplo, a presença dessa matriz:

Na verdade eu acho que não mudou nada na terapia. Quando eu tinha começado ela eu não tinha ficado ainda com meninas, mas eu sabia que eu gostava. Até um tempo anterior eu não tinha o costume de ficar com meninos e eu vivia rodeada de meninas e sentia mais atração de ver uma menina que ver um menino. Mas aí tem todo aquele negócio da sociedade que puxa pro lado do menino (Gabi).

Eu ficava, namorava quase. Eu já tinha ficado com meninas antes, mas foi uma coisa bem superficial, nunca cheguei a transar com mulher, porque eu não tive oportunidade assim, senão teria transado. Só que o desejo não vinha... o que já foi bem diferente de quando eu fiquei com meninos. Eu tinha que forçar muito, na adolescência eu forçava um desejo que eu não tinha. Era horrível. E com homem por mais que eu tentava fugir vinha, aflorava assim. Eu não podia ver homem bonito na televisão e pronto. Eu lembro que eu lutava, lutava, mas era só ver o Fábio Assunção na novela das oito e pronto (risos). Era triste, era uma luta assim, sabe... (Duda).

Gabi fala de “todo aquele negócio da sociedade que puxa pro lado do menino”, a tríade sexo/gênero/desejo, articulação tão bem descrita por Butler, é enunciada na fala de Gabi ao dizer que de acordo com nossa sociedade uma menina tem que sentir atração por um menino. O mesmo enunciado de ter que buscar um desejo que não é o seu, percebe-se na fala de Duda. Duda afirma “eu forçava um desejo que eu não tinha”, era uma batalha constante para se encaixar no padrão heteronormativo do desejo.

Em outro um trecho da entrevista à revista *Veja*, Rozângela afirma que:

Revista Veja: O que é não estar em sintonia com o seu eu, no caso dos homossexuais?

Rozângela: É não estar satisfeito, sentir-se sofrido com o estado homossexual. Normalmente, as pessoas que me procuram para alterar a orientação sexual homossexual são aquelas que estão insatisfeitas. Muitas, depois de uma relação homossexual, sentem-se mal consigo mesmas. Elas podem até sentir alguma forma de prazer no ato sexual, mas depois ficam incomodadas. Aí vão procurar tratamento. Além disso,

transtornos sexuais nunca vêm de forma isolada. Muitas pessoas que têm sofrimento sexual também têm um transtorno obsessivo-compulsivo ou um transtorno de preferência sexual, como o sadomasoquismo, em que sentem prazer com uma dor que o outro provoca nelas e que elas provocam no outro. A própria pedofilia, o exibicionismo, o voyeurismo podem vir atrelados ao homossexualismo. E têm tratamento. Quando utilizamos as técnicas para minimizar esses problemas, a questão homossexual fica mínima, acaba regredindo (Justino, 2009, p. 15).

A fala da psicóloga Rozângela utiliza o discurso científico para veicular enunciados ligados à moral. Se um/uma homossexual procura a profissional e diz se sentir incomodado/incomodada consigo, ela parece não trabalhar a questão moralizante e aprisionante da heteronormatividade. Ela, por sua vez, usa desse aprisionamento e apresenta a homossexualidade como uma doença a ser tratada, a partir da diminuição do desejo desse/dessa paciente. Essa forma de pensamento/atitude coloca o saber/desejo do/da profissional acima do desejo do/da paciente. E esse tipo de ação é o reflexo do que ocorre em diferentes âmbitos, seja numa roda de amigos, no meio acadêmico, nas famílias.

Duda, durante sua entrevista, fala da relação com a família. A família nuclear e a heteronormatividade são componentes do dispositivo da sexualidade. Segundo Foucault (2006), a proliferação do discurso sobre o sexo seria uma forma de se afastar toda sexualidade que não fosse ligada à economia da reprodução. Todo sexo fora da família nuclear seria banido. Com isso foi possível criar um desenvolvimento normal da sexualidade e estabelecer todos os desvios que poderiam ser amenizados com controles pedagógicos e médicos. Quando o pai de Duda percebe que o filho não obedecia completamente o que a norma estabelece como padrão para um menino, ele, como um controlador pedagógico do filho, afirma que é melhor morrer do que ser homossexual. A mãe de Duda, por sua vez, lamenta ao saber da

orientação sexual dos filhos, afirma que sua maior tristeza é que jamais passará um natal com eles em família e que os mesmos terão que ter duas vidas, a vida de dentro de casa e lá de fora, já que nunca poderão trazer a vida de fora para dentro de casa. Abaixo um trecho da fala de Duda que ilustra o medo do pai de que ele fosse homossexual e a tentativa do próprio Duda de tentar lutar contra seu desejo:

Quando eu era pequeno eu pegava vestido e colocava. Engraçado, depois isso passou. Nunca mais tive essas manias, mas meu pai tinha muito medo que eu virasse gay. Ele falava assim: é melhor morrer do que ser veado. Eu tinha nove anos quando ele falou isso. Porque eu acho que eu era bem delicado. Mas depois eu redimi o máximo que eu pude (Duda).

4.2 - O anormal

Como já foi detalhado acima, fica claro que a heteronormatividade está presente na formação de nossa sociedade. Perceber-se homossexual é experimentar o avesso da norma e as penalidades de viver aí. A norma atravessa a vida e, para o sujeito poder existir, o campo de identificação possível é aquele de se ver como anormal. A família, na maioria das vezes, acentua essa posição e busca no trabalho do/da psicólogo/psicóloga uma forma de corrigir e trazer seu familiar para a norma. O/A psicólogo/psicóloga, por sua vez, conforme vários dos relatos, coloca o sujeito nesse mesmo lugar, reforçando a idéia de um ser errante. Os dois próximos trechos são da fala de Rafa. Ele fala da dificuldade de se aceitar como homossexual e de como a terapia dificultou ainda mais essa aceitação:

Em 1999, eu tive uma crise bem depressiva, de ficar 30 dias em casa. De não querer mais fazer nada. Que foi bem aquela parte de começar a se descobrir homossexual, também, foi bem complicado. Tipo, meio que me apaixonei por um amigo meu, e ele mexeu comigo, só que ele não sabia o que tava acontecendo (Rafa).

A única coisa que rolou foi um beijo, que pra mim aquilo foi muito maluco. Tipo, “o que tá acontecendo, eu não posso, sou homem”. Então, aquelas várias perguntas que muitos quando estão começando a se descobrir, pra quando sai do armário, fazem pra si mesmos. Aí, eu me voltei mais pra psicóloga pra ela me ajudar tudo, e ela foi pra uma linha de raciocínio, tipo assim, pra ela, eu tava com conflitos sociais, o que realmente estava acontecendo lá em casa em função de alguns problemas com o meu avô, mas isso era outra coisa. Daí eu meio que comecei a não, eu acho que a terapia não é pra mim. (...) Porque, quando tu faz uma terapia, tu vai te abrir... Então, tem uma pessoa que te escuta, e ela te dá os caminhos que tu tem que seguir e tentar melhorar o que tu não tá conseguindo. Não, aí ela começou, tipo, não, que eu tinha que procurar uma menina. Ela começou com as probabilidades de eu ser homossexual ou não. Tipo vamos ter certeza que é mesmo... O que aconteceu? Pirou mais o meu pensamento. Eu já tava focado no que queria e começou meio que, tipo, daqui a pouco nem eu sabia o que eu queria (Rafa).

Quando Rafa percebeu que estava gostando de um amigo ficou muito angustiado. Vindo de uma família conservadora e religiosa ele não aceitava que aquilo estivesse acontecendo com ele. Aos poucos foi percebendo que gostava de pessoas do mesmo sexo. Ao levar a questão para a psicóloga, depois de já estar “focado no que queria”, Rafa conseguiu perceber o agenciamento heteronormativo das intervenções da profissional. Talvez seja possível pensar como a psicologia se constitui e como tal constituição continua ecoando na prática dos/das profissionais da área. Serbena e Raffaelli (2003) ao abordar o caráter comportamentalista da psicologia, ciência cujo surgimento data do final do século XIX, apontam para o fato de a psicologia ser definida por “ciência do comportamento” e, na suas aplicações, uma ciência do controle dos comportamentos. A psicologia científica buscava técnicas instrumentais capazes de dar dimensões objetivas e precisas sobre o problema do sujeito.

A profissão de psicólogo esteve inicialmente ligada aos problemas de educação e trabalho. O psicólogo ‘aplicava testes’: para selecionar o ‘funcionário certo’ para o ‘lugar certo’, para classificar o escolar numa

turma que lhe fosse adequada, para treinar o operário, para programar a aprendizagem, etc. (Figueiredo e Santi, 2000, p. 85).

Ao lado dessa Psicologia Científica, nasce também a Psicanálise. Na última década do século XIX, Freud propõe os alicerces fundamentais da psicanálise; esboça até 1900 as noções de “inconsciente, repressão, sexualidade infantil, relação entre sintomas neuróticos e fenômenos da vida psíquica ‘normal’, diretrizes básicas do pensamento psicanalítico” (Loureiro, 2006, p. 376). A psicanálise, por conseguinte, apesar de estabelecer novos conceitos, ainda o faz com um olhar positivista e dicotômico. De acordo com Foucault (2006), a psicanálise mescla o dispositivo da sexualidade com o dispositivo da aliança e o seu surgimento foi possível graças a todo aparato da época.

De acordo com Maus-Marques e Pessin (2009), a psicologia⁴ ainda tem seu entendimento a partir do olhar cartesiano que caracteriza o seu surgimento. Em um de seus objetivos principais está a idéia da adaptação: o de adaptar o estudante, o funcionário ao seu lugar, o menino a brincar de carrinho e a menina de boneca. A base dessa clínica está ligada à recolocação das pessoas, da refuncionalização do sujeito. “Muito se estuda desde este início, mas alguns conceitos e padrões ainda estão intrínsecos tanto ao que é produzido hoje em Psicologia quanto à subjetividade dos pacientes e também dos terapeutas” (Maus-Marques e Pessin, 2009, p.138). Na fala de Bere, é possível perceber como a psicóloga é subjetivada pela cultura heteronormativa, o que fica claro na tentativa de resgatar o que ela considera normal e não vê na sua paciente. Ao mesmo tempo, como refere Bere, por passar por um momento difícil, ela permitia que a terapia fosse conduzida dessa forma.

⁴ Entendo que existam múltiplas psicologias, uso o termo de forma generalizada no contexto acima, no sentido da sua apresentação como bloco, como efeito de verdade no social.

Aí quando minha irmã ficou doente, eu tinha recentemente me separado, eu fiquei muito deprimida. Procurei uma psicóloga. Nossa, ela nem disfarçava. Às vezes eu me sentia assim como alguém pra ser trabalhado e resgatar uma normalidade. Isso nem era adolescência, eu já era velha, era uma coisa brutal assim. Mas eu estava tão fragilizada que eu permiti isso (Bere).

Outra questão importante de destacar quanto à discursividade que demarca a normalidade é a forte associação dos enunciados loucura e anormalidade à psicologia, tanto no discurso dos/das entrevistados/entrevistadas, como na forma que eles/elas comentam as falas de seus/suas familiares e as ações dos/das terapeutas.

Aí comecei a namorar o A., que era de Porto Alegre. Aí ele começou que “tu não é louco”, que acha que eu não preciso fazer mais terapia. Aí ele me induziu que eu parasse. E eu levei ainda todo o janeiro, o resto de janeiro, né. Fevereiro eu fiz até o dia 6 ou 8 de março, não me lembro. Bem no começo de março, aí eu parei (Rafa).

Aí eu disse, eu não acredito mãe, eu não vou, eu não vou, eu não to louco, eu não quero, eu não quero, eu tinha vergonha (Duda contando sobre quando ficou sabendo que sua mãe havia marcado um horário de terapia para ele).

É possível pensar na idéia do nascimento da psicologia para inicialmente adaptar os indivíduos e, posteriormente, na sua apresentação clínica e na associação com a psiquiatria, tratar os loucos, os anormais. Pensando-se na implantação da psicanálise no Brasil, percebe-se que ela está associada aos representantes do saber médico/psiquiátrico, vinculada às práticas nos hospícios; há uma substituição da assistência religiosa por um saber ‘científico’ (Russo, 2006; Monteiro e Jacó-Vilela, 2006). Estes enunciados que ainda se fazem presentes nos efeitos de sentido produzidos quando se anuncia o termo psicologia, ao atravessarem os relatos

das entrevistas, evidenciam como este caráter corretivo/adaptativo ainda marca os procedimentos e/ou as percepções das práticas clínicas.

4.3 - Dispositivo da sexualidade

Segundo Foucault (2006), percebemos que o sexo pode ser compreendido como produto do dispositivo da sexualidade. Por dispositivo, Foucault estabelece:

Através deste termo tento demarcar (...) um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (Foucault, 1988, p. 244).

A sexualidade pode ser vista como um dispositivo de poder que, utilizando-se de técnicas de controle social, começa a ganhar força a partir do século XVIII. A ação da confissão embasada nas práticas da doutrina católica em que o pecado deve ser vigiado e o sacerdote tem a capacidade de analisar o certo e o errado, é expandida às ciências que começam a se formar, buscando essas também a verdade do sujeito. A sexualidade passou a ser um tema a ser exposto, fazer falar do sexo era/é uma ferramenta para as disciplinas que surgiram para controlá-lo (a pedagogia, a medicina, o direito, a psicologia). Apesar dessa incitação para se falar de sexo, promovendo talvez uma pseudo-ideia de liberação da sexualidade, o discurso produzido foi/é balizado pela lógica heteronormativa, ou seja, as disciplinas reafirmam um modelo de família e regras que impedem e tornam ininteligíveis as manifestações da sexualidade para além da heterossexual.

Talvez seja interessante prosseguir, desconstruindo alguns enunciados performativos e naturalizados como: “Qual o sexo do bebê? é menino ou menina?” “Homem ou mulher?” “Na ficha cadastral é feminino ou masculino?” Questões que abordam dois sexos, dois gêneros e uma possibilidade apenas de relacionar as duas variáveis: homem masculino; mulher feminina, de acordo com regras que ditam o que é ser feminino e o que é ser masculino.

Se traçássemos uma linha do tempo perceberíamos que os dois sexos são uma invenção muito recente na história da humanidade. A partir de Laqueur (2001), fica claro que o gênero é construído e, além disso, a divisão sexual também é uma construção historicamente datada. A partir do século XVIII a natureza sexual humana começa a ser vista de uma maneira mais dicotômica, antes disso havia a idéia de que a mulher tinha os mesmos órgãos sexuais dos homens, porém invertidos.

Durante milhares de anos acreditou-se que as mulheres tinham a mesma genitália que os homens, só que – como dizia Nemesius, bispo de Emesa, do século IV – ‘a delas fica dentro do corpo e não fora’. Galeano, que no século II d.C. desenvolveu o mais poderoso e exuberante modelo da identidade estrutural, mas não espacial, dos órgãos reprodutivos do homem e da mulher, demonstrava com detalhes que as mulheres eram essencialmente homens, nos quais uma falta de calor vital – de perfeição – resultara na retenção interna das estruturas que no homem são visíveis na parte externa (Laqueur, 2001, p. 16).

Se até o século XVIII o pensamento era esse – por que e como se construíram dois sexos? – é possível lançar uma perspectiva explicativa a partir da produção do gênero como prática divisória e de hierarquização da vida. De acordo com Butler (2004), o gênero é um aparato que produz e normaliza o masculino e o feminino. Tal norma se naturaliza e é difícil

de ser percebida, assim, sendo o gênero uma norma, busca-se implicitamente um padrão que dê os contornos da norma, o gênero requer e institui o seu próprio regime disciplinar. O gênero, propõe a autora, poderia também ser pensado como um mecanismo para desconstruir e desnaturalizar essa idéia binária. O gênero é condicionado, mas isso não quer dizer que ele seja fadado a ser sempre determinado. A norma não é atemporal. Ao ser temporal, a norma se desterritorializa. Ela persiste ao ser repetida nas práticas sociais, ou seja, ela é reidealizada, reinstituída a cada dia e, via o mecanismo de naturalização, acaba sendo instituída tal qual a anterior. A norma constitui a realidade e isso acontece na repetição das performances que dão materialidade à norma.

Na clínica percebe-se a tentativa de adequação à norma. A última psicóloga de Bere sugere que ela adote um filho. Nas colocações dos/das psicólogos/psicólogas fica evidenciada a tentativa de adaptar o/a paciente ao que seja o mais próximo possível do padrão normal. O modelo de família nuclear ainda parece ser para muitos/muitas profissionais a única maneira possível de família.

A mãe de Gabi, vinte anos depois, repete a mesma atitude da mãe de Bere: ao saber que a filha não está disposta a repetir a norma de gênero que estabelece que o sexo feminino tem de ter um gênero feminino e, conseqüentemente, desejar o sexo oposto, ela conversa com uma psicóloga e marca um horário para a filha:

Aí foi quando eu falei pra mãe que eu ia começar a sair e ver se era realmente isso que eu queria e aí foi que ela me mandou pra terapia. Porque ela (mãe) achava que eu tinha ficado traumatizada por causa do abuso que eu tinha, como é que eu vou te dizer, que a figura masculina...

que eu tinha me fechado pra figura masculina, que tinha me traumatizado. (...) Aí quando eu comecei a fazer terapia, ela (psicóloga) perguntou tudo, de quando eu tinha sido abusada, como é que eu tratava isso, como era a questão da minha filha, tudo, eu disse assim: não consigo assim oh, eu quero é ficar longe dele. Eu perdôo ele mas eu quero ficar longe dele (Gabi).

Como já descrevi na apresentação de Gabi, ela sofreu abuso sexual quando tinha 16 anos por um amigo da família e engravidou, foi a primeira relação sexual da jovem. Os pais de Gabi eram separados e o pai vivia em outra cidade, ela tinha esse amigo quase como um pai. Quando estava com a barriga aparente a mãe a colocou num “lar de meninas” para que pudesse ter a filha e ficar longe do abusador e para os vizinhos não falarem da situação até o nascimento e os primeiros meses de Bruna. Apesar dela relutar, a mãe a convenceu a incluir no registro de nascimento da filha o nome do pai para que tivesse garantido o direito à pensão alimentícia.

Aqui, a mulher bárbara⁵: a adolescente grávida. Reclusa num lar de meninas para ficar longe do abusador e para não ser falada no bairro. Gabi conta que muito ouviu que o abuso aconteceu porque ela quis, que ela já sabia das coisas com 16 anos, que *o que um não quer dois não fazem*, ou coisas do tipo: *ele era um homem bom, até registrou a criança, ela sempre pareceu atirada...* A história pode ser filtrada, contada de várias formas, mas é melhor esconder, como afirma Foucault (2005), por vezes só uma história acaba recebendo o título de verdade e o saber histórico busca a ordem e a paz.

⁵ Bárbara no sentido de estar fora da civilização e ser um ponto permanente de hostilidade (Foucault, 2005). Logo abaixo no texto exploro um pouco mais a idéia de bárbaro e selvagem, a partir de Boulanvilliers, que Foucault apresenta na aula de 03 de março de 1976 no Seminário Em Defesa da Sociedade.

É possível pensar um pouco mais sobre ordem e verdade, a partir da aula de 25 de fevereiro de 1976 do Seminário Em Defesa da Sociedade, quando Foucault (2005) redefine a idéia do poder. Ele afirma, a partir de Boulanvilliers, que o poder não é propriedade, não é potência, é sempre uma relação que só se estuda com os termos que atuam nessa relação, sendo assim não se pode fazer a história dos reis e a história dos povos, mas o que constitui uma em relação às outras. Talvez possamos pensar em duas histórias em relação à sexualidade: a história da heterossexualidade e a história das outras sexualidades; como se constituem as verdades sobre elas? A história da heterossexualidade se apresenta como a mais verdadeira, a mais completa, a mais legítima, a normal. Talvez isso ocorra porque, como foi afirmado acima, o saber histórico busca a ordem e a paz e, por todo um conjunto historicamente construído em torno da heterossexualidade, ela seja produzida hoje como modelo de ordem. De acordo com Foucault (2005), retomando Boulanvilliers, *o Bárbaro foi filtrado da história para acontecer a história* (p. 243).

Quando Foucault nos fala do bárbaro, a partir de Boulanvilliers, apresenta-o como aquele que se opõe ao selvagem. O selvagem numa relação social deixa de ser selvagem, já o bárbaro só pode ser definido fora da civilização, ele é um ponto de hostilidade permanente. O bárbaro funda uma sociedade, mas destrói uma civilização. Pergunto, então, se o/a homossexual não seria considerado/considerada por muitos/muitas uma espécie de bárbaro/bárbara do século XX? Aquele/aquela que talvez funde uma sociedade, uma vez que o termo homossexual precede o termo heterossexual, a definição da doença precede a definição da normalidade, mas que antes destrua uma civilização? Se tomarmos a perspectiva foucaultiana, o/a homossexual inaugura a era da sexualidade materializada como espécie (e

hoje como identidade) e permanece ali como ameaça ao mundo construído a partir do acontecimento de sua emergência. Muitas vezes é isso que se escuta, como emerge na fala da entrevistada Gabi relatando o que já ouviu em relação aos homossexuais: *nossa sociedade vai terminar, imagina casais de dois homens? Como terão filhos? É anti-natural, é contra Deus* (Gabi).

Gabi conta como foi o início da terapia, sendo possível evidenciar a postura heteronormativa da terapeuta:

Eu fui na terapia e já na primeira sessão ela queria me mudar. Daí ela falou que foi por causa do abuso, aí quando o abuso não teve mais jeito ela disse que era a falta da figura materna. Falta da mãe, falta de carinho da mãe, ausência da mãe. Isso a psicóloga me falou, tipo tu não tá trocando um pouco a figura materna da tua mãe e materializando ela em outra pessoa, e que essa pessoa seja uma menina né, no caso essa falta de carinho, esse companheirismo, essa amizade que tu queria ter com ela no caso, tu tá colocando nessa menina. Aí eu disse não, porque o que eu sinto não são só atrações emocionais, são atrações físicas também. E nunca que eu ia sentir atração física pela minha mãe. Então não tem como, sabe. Mas aí se tu for avaliar eles vão colocar também no caso da violência. Aí ela tentou contornar de tudo quanto foi jeito. Mas o foco era minha homossexualidade. Só da minha homossexualidade que ela queria falar. Foi pra isso que minha mãe marcou a terapia. Aí ela colocava essas opções: mas tu não acha assim que foi por causa que tu bloqueou a figura masculina, mais isso... Aí ela começou a puxar, começou a puxar o assunto no caso da Bruna. Como foi que eu tive ela, puxando por aí. E aí chegou no assunto da sexualidade. Que foi o assunto da sexualidade o mais falado. Parecia que quando eu cheguei lá ela já tinha um questionário pronto. Ela só foi puxando uma maneira de eu falar. Aí ela perguntava se eu tinha visto a guria, conversado com a guria. Perguntava o que eu conversava com ela, aí eu entrava em algum detalhe. Mas era focado. É porque se fosse pela violência sexual pra ser tratada, ela teria até o final do tratamento ter puxado aquilo. Mas não depois que ela viu que eu tinha um namorado, que eu tinha praticamente descartado essa possibilidade que ela tinha me dado, começou a colocar outras. Ah porque foi a figura materna ou por causa disso, disso ou disso. Tu vê que o foco principal era a sexualidade. Ela ia vencer no tratamento se eu chegasse e dissesse pra ela arrumei um namorado, virei hetero. Aquilo ia ser só uma fase momentânea da minha vida e passou (Gabi).

A forma como os enunciados que constituem a clínica do ponto de vista de quem a procura, evidentes na fala da mãe de Gabi, encontram rapidamente eco nos enunciados do consultório e presentes no relato da entrevistada, demonstra que ambos fazem parte da mesma formação discursiva, baseada no discurso psiquiátrico/psicanalítico que ainda produz a homossexualidade como anomalia. Assim a “paciente” acaba ficando imersa nesse contexto, em que ela só tem como existir na perspectiva da anormalidade, não há outro espaço possível. Sobre a homossexualidade como doença Foucault nos coloca:

“Ora, o aparecimento, no século XIX, na psiquiatria, na jurisprudência e na própria literatura, de toda uma série de discursos sobre as espécies e subespécies de homossexualidade, inversão, pederastia e ‘hermafroditismo psíquico’ permitiu, certamente, um avanço bem marcado dos controles sociais nessa região de ‘perversidade’; mas também, possibilitou a constituição de um discurso de ‘reação’: a homossexualidade pôs-se a falar por si mesma, a reivindicar sua legitimidade ou sua ‘naturalidade’ e muitas vezes dentro do vocabulário e com categorias pelas quais era desqualificada do ponto de vista médico” (Foucault, 2006, p. 112).

Saberes que se legitimam no interior do jogo de verdades da psicologia estabelecem que se tenha que encontrar a causa da homossexualidade de Gabi, o que possibilita pensar esta forma de sexualidade como desvio. Mesmo que o código de ética profissional determine que o/a psicólogo/psicóloga não possa contribuir com a estigmatização e patologização da homossexualidade, no contexto da clínica a investigação das causas da orientação sexual, algo que não aconteceria se ela fosse heterossexual, emerge insistentemente. Fica evidente no relato de Gabi que a fala da psicóloga faz parte de uma rede enunciativa que relaciona a prática sexual da paciente ao abuso sofrido ou também a falhas da figura materna e/ou paterna (homossexualidade como desvio da norma). A construção do corpo homossexual para alguns/algumas psicólogos/psicólogas parece ser inteligível apenas na ordem da falha ou do

trauma, aspecto muitas vezes tido por verdade no discurso de algumas psicologias que se construíram no contexto do dispositivo da sexualidade a partir da lógica heteronormativa.

5. EU TINHA UM POUCO NA CABEÇA AQUELE NEGÓCIO DE QUE EU IRIA PRO INFERNO

5.1 - Lógica do cristianismo/famílias religiosas

Do lado da mãe, descendente de portugueses com espanhóis, tradicionalistas até o ápice deles, porque, é aquela coisa de comer churrasco...Tudo em família... E já o meu pai, são alemães bem conservadores. Tipo assim, todo o final de semana na igreja, rezando, bem católicos. Até um preconceito racial também, porque eram todos brancos. Então eu vim de dois focos de famílias bem tradicionais. Todos os que tiverem em volta podem ter algum problema, mais a minha não. Minha família é a mais certinha, é a honesta, é a, sabe. Então, aquele biotipo. Então, isso já começa por si a ser uma cobrança pessoal, tipo, a minha família é assim, não posso. Tem a imagem do vô, que o vô preserva já isso. Daí vem o pai, tem os tios, tem os primos. Então começa a ter uma cobrança. E eu comecei a ver que eu realmente gostava de homem e não de mulher, e comecei a entrar em conflito. “Não, eu não posso ser assim. Deve ter alguma coisa errada comigo”. Porque quando eu comecei a fazer o meu tratamento com a psicóloga em 1997, em 1998, era mais pra mim me organizar, devido ao conflito familiar que a gente tava tendo. Mais em 99 não. Aí que focou pra minha opção. (Rafa)

De acordo com a fala de Rafa, o fato de ter nascido em uma família tradicional é bastante forte para ele. E de como ele se culpa ao estar sentindo um desejo diferente da norma heterossexual. Em uma fala anterior, já mencionada, é possível verificar a postura heteronormativa da profissional que questiona por que ele não procura uma menina (mesmo ele tendo dito que gostava de meninos) e, posteriormente, busca ver as probabilidades de ele ser ou não ser homossexual. Bere também fala que quase todos/todas profissionais pelos/pelas quais ela passou, tinham sempre a visão de uma mãe muito fálica e um pai submisso e tentavam enquadrar o que ela contava nesse cenário. A entrevistada comenta ainda de como para ela isso ficou tão naturalizado que, ao chegar no terceiro terapeuta, ela já falava da

mesma forma no início da sessão, dizendo da mãe fálica e do pai submisso. A clínica psicológica, muitas vezes, imprime o lugar de vítima ou de culpado/culpada da situação de ser homossexual, ou coloca que foram falhas nas figuras parentais, sendo ele/ela vítima de uma má triangulação edípica ou culpado/culpada, no sentido de não se adaptar às regras. Tais posições surgem tanto de como ele/ela se enxerga e como os/as terapeutas o/a escutam. Em ambos os casos, é possível se deparar com atitudes que levam a uma clínica do ressentimento. A moral cristã estabelece a moral da família monogâmica patriarcal, sustentada pelo ressentimento. Kehl (2004) aborda o ressentimento na clínica psicológica ao afirmar que Nietzsche coloca um grande desafio moderno: formular uma ética a partir da afirmação dos afetos ativos. A partir de Espinosa, ele apresenta os afetos ativos (impulso vitais, sede de posse, ânsia de domínio) em contrapartida aos afetos reativos, que fazem resistência passiva a eles. Para Nietzsche o cristianismo está embasado nos afetos reativos. (Kehl, 2004).

A partir das trajetórias de vida dos/das entrevistados/entrevistadas é possível perceber que em muitos casos os/as terapeutas fazem o mesmo circuito da moral cristã, que é exatamente a moral heterossexista⁶, sendo sustentada pelo ressentimento. A interpretação que siga nesta direção levará o/a paciente cada vez mais ao circuito escravo (circuito dos afetos reativos), no sentido de afirmar sua posição de vítima ou culpado/culpada de sua orientação sexual, pensando ela como uma “doença” a ser eliminada. Muitas vezes o/a paciente consegue romper com isso e então dificilmente continua a terapia, como é o caso de Rafa e de Gabi,

⁶ Uso o termo heterossexista no sentido de dizer que nossa sociedade entende a heterossexualidade como um fato natural, tornando invisível a existência de outras formas de sexualidade. De acordo com Welzer-Lang (2001), “heterossexismo é a promoção incessante, pelas instituições e/ou indivíduos, da superioridade da Heterossexualidade e da subordinação simulada da homossexualidade. O heterossexismo toma como dado que todo mundo é heterossexual, salvo opinião em contrário” (p. 467).

outras vezes o/a paciente está tão fragilizado/fragilizada que aceita a forma de condução da terapia, como aconteceu com Bere ao contar de sua quarta terapeuta⁷.

Outros/outras profissionais conseguem trabalhar em outra lógica que foge essa moral cristã. O terceiro psicólogo de Bere e a psicóloga de Duda, a partir de seus relatos, parecem ser exemplos de profissionais que conseguiram trabalhar com seus/suas pacientes para além da lógica heteronormativa. Duda fala da importância da terapia para ele se aceitar e da postura religiosa da sua família:

Foi ótimo e a questão da homossexualidade foi muito bom pra eu poder aceitar. Eu nunca parei assim, eu sou gay assim, nunca. Eu nunca, sempre tive medo desde pequenininho... meus pais são evangélicos. Isso pra eles não é certo. Meu pai se ele sabe, ele pira, não sei o que ele é capaz de fazer. Minha mãe soube faz um ano e meio e num processo meio complicado, ainda é complicado (Duda).

Como já descrevi, a família de Duda é uma família bastante religiosa, percebe-se, então, um discurso mais ligado à moral cristã do que a uma racionalidade científica no que se refere ao sexo. Quando Duda consegue contar para sua mãe sobre sua orientação sexual, ele afirma: “Eu esperava o pior, morte, esperava tristeza, o pior, esperava minha mãe no fundo de uma cama, e além de tudo ser culpado por isso”, o que ressalta mais uma vez a moral religiosa punitiva. Ao falar sobre se aceitar como homossexual, o peso da família religiosa é mais uma vez destacado na fala de Duda:

Eu tava falando então, eu nunca aceitei isso muito bem, com 17 anos, eu comecei a, tive muita vontade de ficar com meninos. Pulei essa etapa do aceitar, pulei direto pro ficar. Eu tinha um pouco na cabeça aquele negócio de que eu iria pro inferno (Duda).

⁷ Trecho citado na página 40.

Rafa traz novamente a questão do natal ser a representação da família, como Duda já havia comentado em relação à tristeza de sua mãe quando pensa que jamais passará um natal em família visto que os filhos são homossexuais e não poderão trazer seus companheiros para o evento. Rafa conta com empolgação a primeira vez que não passou o natal com a sua família e o quanto isso foi marcante para alguém que vem de um núcleo familiar com fortes tradições religiosas:

Ele não foi passar o natal com a família dele pela primeira vez também, e eu não passei com meus pais. E aí a gente passou o natal juntos na casa de uma amiga nossa, aqui em Porto Alegre. Nós três. Que a mana dela foi pra, ela também era de São Borja. “Nossa, não to passando com a minha família”, aquela coisa, tipo, natal é com a família e ano novo pode ser com os amigos. Foi a primeira vez não em casa. E o ano novo também foi a primeira vez. Aí no ano novo a gente passou com outros amigos que eu acabei conhecendo em Porto Alegre. E eu achei um máximo! (Rafa).

5.2 - Confissão

Foucault, na História da Sexualidade I, descreve o que ele denomina de *scientia sexualis*, ou seja, a forma como o ocidente aborda a sexualidade. A partir dos séculos XVI e XVII, é possível evidenciar na sociedade ocidental uma multiplicação de discursos sobre o sexo, o esquadrinhando e o definindo. No século XIX a afirmação da ciência como verdade intensifica-se, retirando a hegemonia da autoridade do campo religioso sobre o sexo e localizando-o no campo da racionalidade. A medicina passa a ser porta-voz de um discurso que definirá a verdade sobre o sexo. Com base em uma moral apresentada como asséptica, a ciência médica classifica o que há de normal e de patológico na sexualidade humana.

Para que fosse possível a configuração das práticas desta *scientia sexualis*, o desenvolvimento das técnicas de confissão teve caráter fundamental. “*O homem, no Ocidente, tornou-se um animal confidente*” (Foucault, 2006, p. 68). Confessa-se tudo, os prazeres são expostos para quem está autorizado a ouvir. Primeiramente o representante da igreja, depois, a partir do século XIX, o representante da ciência.

Os/As representantes da ciência, num primeiro momento oriundos medicina, passam a emergir de outras áreas. A psicologia e a pedagogia trabalham diretamente com o tema a fim de estruturar e formar o sujeito sexual normal. Os conhecimentos destas áreas são levados para as famílias que também funcionam como controladoras dos corpos de seus/suas filhos/filhas, vigilantes do sexo de sua prole. Sobre suas confissões para a família, os/as entrevistados/entrevistadas relatam:

Aí quando eu descobri foi com uma menina que foi uma coisa fora de série e eu peguei e cheguei e falei pra minha mãe. Olha eu to gostando de alguém e é uma guria e aí ela me mandou pra terapia (Gabi).

Aí ela (a mãe) disse vou te mandar pro psicólogo pra te curar. Então a primeira noção que eu tive de psicoterapia era a idéia de um especialista que ia curar minha doença. Aí era um psiquiatra (Bere).

Foucault (2001) articula a confissão sobre aspectos da sexualidade para o/a médico/médica e para a família. Ele coloca que no final do século XVIII a família nuclear começa a ser estruturada e o corpo da criança passa a ser central. O corpo infantil tem que ser vigiado. A masturbação ocupa o lugar entre o discurso cristão da carne e a psicopatologização sexual. Os pais, nesse contexto, assumem o papel de vigilantes dos/das filhos/filhas, ficam na espreita, alertas. No momento em que descobrem alguma “anormalidade” precisam

encaminhar para o/a médico/médica intervir. O/A médico/médica só poderá curar se houver o reconhecimento do/da paciente de seu mal, ou seja, este terá que se confessar, “a criança não pode e não deve fazer essa revelação aos pais” (Foucault, 2001, p. 317). A sexualidade da criança vai poder ser falada ao/à especialista, vigiada pela família, mas confessada ao/à médico/médica. O saber médico instrumentalizará a família com receitas para o tratamento da masturbação através de corpetes, cadeados de metal com tubos para que seja possível urinar, intervenções com produtos químicos e cauterizações (ou extração) do clitóris nas meninas. A perseguição ao corpo infantil não difere muito do que foi a caça às bruxas nos séculos XVI e XVII. Dessa forma, a medicina e a sexualidade se aproximam pela ação da família (Foucault, 2001).

A família se tornou um agente de medicalização da sexualidade em seu próprio espaço. Assim, esboçam-se relações complexas com uma espécie de divisão, já que há, de um lado, a vigilância muda, o investimento não discursivo do corpo da criança pelos pais e, depois, de outro lado, esse discurso extrafamiliar, científico, ou esse discurso de confissão, que é localizado apenas na prática médica, herdeira assim das técnicas da confissão cristã. Ao lado dessa divisão há a continuidade que faz nascer, com a família, na família, um procedimento perpétuo de medicina sexual. Há uma espécie de medicalização da sexualidade, medicalização cada vez mais acentuada, que introduz no espaço familiar as técnicas e as formas de intervenção da medicina. Tem-se, então, um movimento de intercâmbio que faz a medicina funcionar como meio de controle ético, corporal, sexual, na moral familiar e que faz surgir, por outro lado, como necessidade médica, os distúrbios internos do corpo familiar, centrado no corpo da criança. Uma engrenagem médico-familiar organiza um campo ao mesmo tempo

ético e patológico, em que as condutas sexuais são dadas como objeto de controle, de coerção, de exame, de julgamento, de intervenção. Em suma, a instância da família medicalizada funciona como princípio de normalização (Foucault, 2001, p. 321).

Foucault (2001) afirma que é a família que – a partir do início do século XIX detém o poder imediato, outorgado pelo saber médico (atuando como um controlador externo) – faz surgir o normal e o anormal no que se refere ao sexual. “A família é que vai ser o princípio de determinação, de discriminação da sexualidade, e também o princípio de correção do anormal” (Foucault, 2001, p. 322). A partir da fala dos/das entrevistados/entrevistadas é possível perceber que, passados dois séculos, a relação de uma família vigilante que encaminha o/a filho/filha “anormal” ao saber médico que buscará a confissão para uma suposta cura, não se alterou muito.

Vivermos numa sociedade heteronormativa implica no fato do/da homossexual estar sempre fora da norma. E para situações que seriam corriqueiras caso fosse heterossexual, ele/ela tem que se confessar como diferente. As perguntas familiares, as cobranças vêm sempre contemplar o que se espera de um sujeito que esteja à procura do sexo oposto para formar uma família.

Tenho dois irmãos. Um mais velho e um mais novo. Eu sou o do meio. O mais velho tinha até casado e o mais novo era noivo. Então sempre rola, tipo assim, eu nunca trouxe uma menina. Rola. Rola até por parte de pais de amigos: e aí, quando que tu vai trazer a namorada? Aí tá, tudo bem. Começaram a falar isso pra minha mãe. É um assunto que se torna obsoleto num caso, eles sabem, tudo. Aceitam, entre aspas, de eu levar um namorado, mas como amigo. Não namorado até porque, até hoje em dia minha família é muito conservadora. Eles podem até tentar entender, mas nunca vão compreender. Apenas respeito. Vão aceitar, mais não vão concordar (Rafa).

Diferente do que acontecia há dois séculos com o/a pequeno/pequena masturbador/masturbadora que era vigiado/vigiada nos seus atos e, se descoberto/descoberta, encaminhado/encaminhada ao/à especialista, a descoberta nas famílias dos entrevistados/entrevistadas muitas vezes é feita pela confissão dos/das filhos/filhas diretamente aos pais, os quais, entretanto, não deixaram de ser vigilantes da sexualidade de seus/suas filhos/filhas. Para o sujeito homossexual falar da sua homossexualidade muitas vezes não é fácil. Ele/ela é subjetivado no mesmo código moral que forma suas famílias. Frequentemente vê a homossexualidade como algo errado. Rafa fala de como se sentiu mal quando contou sobre sua orientação sexual para os pais:

Aí, com meus pais, eu me chateeí muito. Até então, meus pais não sabiam nada de mim. Aí minha mãe veio conversar comigo. O quê que tá acontecendo? Porque quando tu tá com alguém, tu tem álbum, foto com aquela pessoa. Qualquer pessoa tem foto hetero e eles queriam saber alguma coisa, ver ao menos alguma foto. Tinha várias fotos com amigos, mas nenhuma com alguém que eu dissesse que é minha namorada. Aí minha mãe viu umas fotos que se repetiam e disse, ah, coisa e tal, qual é o nome desse cara? Aí eu fiquei mais mal ainda. Porque minha mãe não sabia. Eu nunca tinha tocado neste assunto em casa. Nunca. Foi muito difícil falar disso (Rafa).

Duda fala da angústia da mãe não saber sobre sua orientação sexual:

Minha grande angústia era minha mãe não saber, depois que ela soube assim larguei um peso das minhas costas. Foi um processo complicado (Duda).

A dificuldade de falar sobre a homossexualidade algumas vezes não está apenas dentro do contexto familiar, ela circula também no contexto clínico.

No início fiquei com receio, não sabia como ela ia reagir e tal... Aí eu cheguei lá no primeiro dia, simpatizei muito com a terapeuta, adorei ela. Aí a gente começou a fazer assim, só que eu fui falar da minha homossexualidade depois de umas quatro sessões. (...) No fundo no fundo essa parte da homossexualidade contribuía muito para os outros aspectos ali não ficarem em dia. Eu acabei descobrindo isso depois. No

início eu tive vergonha de falar pra ela, não tive vontade, até que um dia eu tive que falar. Eu sempre tive muita dificuldade de falar (Duda se referindo ao momento que contou à terapeuta que era homossexual).

É possível, a partir da fala de Duda, pensar se a dificuldade de ele falar da sua homossexualidade para a terapeuta não está ligada ao fato da psicóloga ocupar o lugar do saber médico em função do enunciado construído há dois séculos, e ainda reafirmado, de que esse saber reconduz o sujeito à norma. Entretanto, parece que não é esta a questão. Pode-se, todavia, perguntar por que o paciente precisaria falar da homossexualidade nas primeiras sessões? Por que ele se sente obrigado a confessar sua preferência sexual? Por que tal aspecto teria mais peso que outros na vida do sujeito? Duda não foi à terapia tendo como queixa a homossexualidade, mesmo assim, ele afirma não ter conseguido falar da sexualidade nas primeiras sessões, como se avaliasse que isso seria importante. Quanto ao fato de contar ou não sobre a homossexualidade, é possível fazer algumas considerações. Pode-se pensar tanto em função de uma luta política de afirmação, quanto no sentido da manutenção da confissão como herança da doutrina católica. O acontecimento da rebelião de Stonewall, que marca ascensão do movimento homossexual, é uma luta pela afirmação; o anúncio público da orientação sexual a partir daí é visto como algo positivo politicamente, os enunciados acerca da importância de “sair do armário” permeiam a mídia, os movimentos sociais e rodas de amigos, de modo que começam a circular em diversos meios manuais de “coming out”. Mas, por outro lado, podemos questionar até que ponto isso acaba sendo uma forma de imperativo da confissão. “Sair do armário” deixa muitas vezes de ser questionado, parece ser dado como uma regra. Especialistas em diversos sites da internet, por exemplo, comentam como o sujeito deve proceder para contar que é homossexual:

Uma outra coisa em relação ao jovem que é muito importante: cuidado para não ser descoberto, que é uma coisa muito pior. Geralmente o jovem não conta, principalmente numa sociedade como a nossa em que as pessoas adoram viver na ambigüidade, ninguém fala nada, todo mundo sabe, mas ninguém quer falar abertamente, e aí se descobre e é muito mais complicado, tem a mentira, a falta de confiança. Quando a mãe descobre que aquela amiguinha com quem ele sai não é uma amiguinha, é um amiguinho, aí acaba tendo uma outra variável, que é a perda de confiança dos pais. Mas não tem uma regra pra isso, porque é muito difícil, mas, se ele decidir fazer, se achar que é o melhor caminho para ele, esse são os cuidados básicos: planejar e evitar ser descoberto. (Psicólogo Klécios Borges – especialista em a terapia afirmativa)⁸ .

Agora que conhecemos algumas forças que fazem com que os desejos homossexuais fiquem trancados e odiados dentro do armário, temos que fazer um longo caminho inverso, para que eles sejam retirados de lá. Enfrentando nossos medos e encarando todas as pessoas que estão a nossa volta.

Claro, que a decisão e todas possíveis conseqüências de sair do armário são de responsabilidade única e exclusiva de cada um.

Meu caminho pessoal, e o caminho de muitas pessoas que conheço e que se encontram totalmente fora do armário vivendo bem sua homossexualidade me resta dizer apenas uma coisa: vale a pena, e muito, assumir seus desejos para si e para os outros. Sem exceção. Amigos, colegas de trabalho, vizinhos, família e quem mais participar ou fazer parte dos seus relacionamentos. (Psicólogo e escritor Fabrício Viana – autor do livro O Armário: vida e pensamento do desejo proibido)⁹ .

Além de criar uma boa relação com sua família e com seus amigos, escolha os seus melhores amigos, os mais íntimos, que você confia e cuida mais e fale somente para eles. E outra coisa: nunca fale da sua sexualidade para alguém com quem você não tenha uma extrema intimidade, porque a sexualidade é um assunto íntimo. Então comece conversando com pessoas em quem você pode confiar. E se você tiver algum problema, procure orientação de um psicanalista, ou de um psicólogo, mas aí você tem que ter um cuidado muito grande na escolha, porque não pode ser uma pessoa preconceituosa, tem que ser uma pessoa que entenda de sexualidade. (Psicanalista Júlio Nascimento)¹⁰ .

Estas falas atravessadas pelo enunciado “sair do armário” valorizam o processo de afirmação da homossexualidade, seria possível questionar até que ponto essa afirmação tem

⁸ Retirado do site <http://www.armariox.com.br/conteudos/comoassumir.php>.

⁹ Retirado do site <http://www.oarmario.com/trechos/20-trecho-oarmario-fabricio.jpg>.

¹⁰ Retirado do site: <http://www.armariox.com.br/conteudos/comoassumir2.php> .

aspectos morais da prática da confissão regulamentada pelo Concílio de Latrão em 1215 (Foucault, 2006)? É realmente necessário assumir uma orientação sexual perante a sociedade? A construção da sexualidade como sendo central no processo de subjetivação, a partir do século XVIII, não é também a base para se defender a importância do “coming out”? Se a igreja, o direito, a medicina e a própria psicologia trabalham na lógica da confissão, o imperativo “sair do armário” não estaria centrado nesse mesmo discurso no sentido de confessar a sua sexualidade para toda a sociedade?

Voltando aos entrevistados reitero a idéia, a partir da fala de Duda, de que a confissão sobre o sexo continua sendo uma prática recorrente e a sexualidade um tema central. Ainda sobre a confissão, mais um trecho da entrevista em que ele afirma que nem sempre o ideal é contar, embora tenha contado para sua mãe, ainda não revelou para o pai:

Pesquisadora – pra quem tu já tinhas contado? Tinham amigas ou amigos teus que sabiam?

Duda – tinha, a P. que trabalhava onde eu trabalhava. Meu irmão e meus amigos assim. Mas todas pessoas que aceitavam.

Pesquisadora – a terapeuta trabalhou contigo a questão de contar ou não contar para a tua mãe...

Duda – na verdade a questão era essa. A gente pensava se o ideal era contar ou não... na verdade ela nunca me aconselhou nada, procurou me dar argumento pra eu poder decidir. O que eu acho certo, foi sempre assim. Ela concordou em alguns pontos que não era pra contar, nem sempre o ideal é contar. São casos e casos, tem um amigo meu que contou pra mãe dele e a mãe dele aceitou o namorado, o namorado vai pra casa dele, a mãe dele aceitou super bem. Lá em casa já é um pouco diferente. Cada casa é um caso. Às vezes as pessoas diziam: Duda, ta muito claro, teu pai sabe, tua mãe sabe. Minha mãe não sabia, claro que ela tinha uma desconfiança assim, mas as pessoas te dão uma certeza sem nem te conhecer direito. Tem coisas que por mais evidentes que pareçam nem todos sabem.

5.3 - Psicanálise

A clínica psicológica, seja no sentido de uma psicologia científica ou da própria psicanálise, está presa à prática da confissão. Apesar de entender que existam várias psicologias, nesse texto o foco será dado à psicanálise inaugurada por Freud, tendo em vista que seriam muitas as linhas a estudar se o tema não fosse delimitado. Além disso, os autores com os quais trabalho fazem algumas considerações sobre a psicanálise, a fim de pensá-la tanto em função da confissão quanto da formação da sexualidade humana, principalmente se referindo ao Complexo de Édipo, e é nessa linha que pretendo seguir.

Foucault aborda a psicanálise ao falar da história da sexualidade. Ele afirma que ela foi criada nos modos da tradição do cristianismo, no dispositivo da confissão, baseada na experiência da moral e da culpa. Em “A vontade de saber”, Foucault(2006) aponta a psicanálise como pertencente ao imaginário da modernidade e como um novo discurso sobre a sexualidade, a fim de libertar o sujeito dos recalques sexuais, eliminando os sintomas. O autor coloca em questão essa suposta ruptura em Freud e vai ainda criticar a hipótese repressiva, tendo em vista que o século XIX foi de grande incitação para se falar sobre sexo. Criticando a hipótese repressiva, Foucault põe em xeque a questão da lei e, em consequência, da interdição do incesto.

A intenção é tomar alguns pontos da teoria psicanalítica e questionar o amálgama natureza/cultura que se encontra nas fundações da psicanálise. A obra de Foucault é diversas vezes mencionada por outros autores dessa área, inclusive psicanalistas. Birman (2004) percorre as obras foucaultianas do início da década de 1970, demonstrando como a psicanálise foi abordada. Segundo ele, a obra “O Poder Psiquiátrico” associa o discurso psicanalítico ao

discurso psiquiátrico, no sentido da presença de uma tecnologia de poder. Já na “As Verdades e as Formas Jurídicas” destaca a psicanálise como uma modalidade de poder disciplinar. Em “Vigiar e Punir” associa a psicologização e a psiquiatrização da criminalidade (psicanálise como continuidade da psiquiatria no sentido de tratamento moral); além disso traz a idéia do panóptico de Bentham, a partir da qual é possível pensar uma nova teoria sobre o olhar, como uma vigilância permanente sobre os corpos dos indivíduos (crítica ao estágio do espelho de Lacan); assim o *corpo permeado pelas disciplinas e pelo olhar panóptico seria sempre o Outro do poder* (p. 95).

Como já mencionado nos capítulos anteriores, a psicanálise surge na última década do século XIX, quando Freud propõe seus conceitos fundamentais. O objetivo do tratamento psicanalítico tradicional é trazer os conflitos da inconsciência para a consciência através do *insight*, dependendo da transferência, resistência e do vínculo da dupla paciente-terapeuta, buscando possíveis falhas nos primeiros anos de vida que são, de acordo com esse modelo, fundamentais para a estruturação psíquica do sujeito (Cordioli, 1998). Alguns conceitos da psicanálise foram incorporados pela cultura, fazendo parte dos processos de subjetivação contemporâneos. Além disso, determinadas terminologias psicanalíticas básicas circulam pelo senso comum, sendo diversas vezes evidente uma psicanalização do cotidiano. Nesse sentido, abaixo um trecho da fala de Gabi durante a entrevista:

Gabi - *Eu namorava um menino. E eu tava gostando da outra menina. Aí eu larguei ele. Aí foi quando eu falei pra mãe que eu ia começar a sair e ver se era realmente isso que eu queria e aí foi que ela me mandou pra terapia.*

(...)

Gabi - *Daí colocaram (a psicóloga e a mãe) mais a questão que eu bloqueei a figura masculina por isso, eu era virgem, teve o abuso, era*

uma justificativa. Só que quando eu conheci esse cara (namorado) que ele era legal, que tava sempre por perto, eu disse vou ficar, vou ver se vai dar certo, ele era legal, eu gostava dele, só que não... foi indo assim passou um mês e eu não tava bem...

(...)

Gabi - Eu fui na terapia e já na primeira sessão ela queria me mudar. Daí ela falou que foi por causa do abuso, aí quando o abuso não teve mais jeito ela disse que era a falta da figura materna.

Entrevistadora - Materna?

Gabi - Falta da mãe, falta de carinho da mãe, ausência da mãe.

Entrevistadora - Isso a psicóloga te falou?

Gabi - Isso a psicóloga me falou, tipo tu não tá trocando um pouquinho a figura materna da tua mãe e materializando ela em outra pessoa, e que essa pessoa seja uma menina né, no caso essa falta de carinho, esse companheirismo, essa amizade que tu queria ter com ela no caso, tu tá colocando nessa menina. Aí eu disse não, porque o que eu sinto não são só atrações emocionais, são atrações físicas também. E nunca que eu ia sentir atração física pela minha mãe. Então não tem como, sabe. Mas aí se tu for avaliar eles vão colocar também no caso da violência. Aí ela tentou contornar de tudo quanto foi jeito.

Na fala de Gabi percebemos que tanto a psicóloga quanto a mãe dela trazem enunciados da homossexualidade como uma patologia e fazem uso de uma psicanalização dos comportamentos para tentar justificar a falha. A mãe procura a terapia para filha (no momento da suspeita da homossexualidade) em busca de algum desvio anterior no desenvolvimento da criança, na idéia de o pai e/ou a mãe terem contribuído para “algo errado” nesse processo. O/A profissional da psicologia também caminha muitas vezes no sentido de encontrar a falha no processo. No caso relatado por Gabi, é a insistência dela que faz com que a psicóloga vá buscando outras alternativas, outras possibilidades mas sempre dentro da lógica heteronormativa. Como a psicóloga continua a afirmar a falha na figura materna, Gabi rebate: *Aí eu disse não, porque o que eu sinto não são só atrações emocionais, são atrações físicas também. E nunca que eu ia sentir atração física pela minha mãe.* Na fala de Gabi é possível perceber enunciados que reivindicam a legitimidade da homossexualidade para além de uma falha do Complexo de Édipo, por exemplo. Gabi tenta argumentar de diversas formas com a psicóloga, buscando legitimar sua homossexualidade, fato possibilitado pela reprodução de

enunciados presentes nesse ‘*submundo dentro do mundo*’ como ela se refere quando fala dos amigos homossexuais e de sua atual companheira: *Digamos que é um mundo assim, tem um mundo, mas tem outro mundo, digamos assim, um submundo dentro do mundo. Quando começa assim a ter novas amizades, é um submundo assim dentro do mundo e vai aprendendo muita coisa, vai aprendendo a se defender.* É evidente que a reprodução desses enunciados pouco abala o bem construído e legitimado discurso médico/psicológico.

Kaká diz também não ter concordado com algumas interpretações da terapeuta:

Eu achei que a psicóloga viajou muito. Imagina, claro que eu gostava da minha esposa, tivemos dois filhos, construímos muitas coisas juntos, mas não querer traí-la mesmo depois de ter falecido, era demais. Até porque eu fiquei com outras mulheres (Kaká).

A psicóloga também perguntou se esses envoltimentos homossexuais eram para não ter nada sério, tipo para não ter outro casamento (Kaká).

A fala da terapeuta, a partir do que Kaká conta, volta a remeter a homossexualidade como algo de menor valor que a heterossexualidade. A psicóloga colocou o desejo homossexual do paciente como um tipo de fuga para não “trair” a esposa que havia falecido e com a qual o paciente teve uma relação heterossexual estável por alguns anos.

A psicanálise nasce dentro do dispositivo da sexualidade, sendo assim, estabelece o sexual como central e o desejo como oriundo da falta produzida pela resolução do complexo de Édipo. A heterossexualidade, para esta teoria, estaria ligada a resolução normal do complexo de Édipo e a homossexualidade desviaria desse padrão, talvez a partir disso podemos entender a escala de valores utilizada pela terapeuta de Kaká.

Outra contribuição de Foucault (2004) é desvincular o termo desejo da idéia de falta, estabelecendo que todo desejo é construído e ainda que não está ligado apenas ao sexual. Entretanto, nas obras psicanalíticas hegemônicas, a sexualidade é central e passa a ser vista como decorrente do desenvolvimento de um processo ordenado pelo biológico, cultural e pelas representações mentais que estão perpassadas por conflitos referentes à situação edípica. De acordo com diversos autores é na área dos conflitos, fantasias e representações mentais que a psicanálise tem oferecido sua maior contribuição (Parisotto et alii, 2003).

A primeira organização sexual é a oral, na qual os objetivos sexuais e de ingestão de alimentos não estão separados, sendo a mucosa oral a zona erógena correspondente. A seguir, tem-se a organização anal com seu fim passivo de excitação da mucosa anal e seu fim ativo de controle sádico do objeto. Nesta fase, vê-se a polarização entre o ativo e o passivo, porém ainda sem uma ligação entre ativo e masculino de um lado e passivo e feminino de outro. As fezes são tratadas como parte do corpo e significam para a criança algo muito valioso que vai ser presenteado aos pais. Este presente transforma-se, em fantasia, num bebê, com a teoria de que este é adquirido pela alimentação e nasce via intestinal. Também as fezes, ao preencherem o canal anal, configuram-se no protótipo do que posteriormente será o preenchimento da vagina pelo pênis (Parisotto et alii, 2003, p.82).

A próxima fase é a genital, em que se processará o Complexo de Édipo. No caso do menino, por medo da castração se identifica com o pai, ameaçado por ele ou pelo temor de se transformar num ser como a mãe (Parisotto et alii, 2003).

Na menina, a evolução da fase fálica também inicia com a fantasia de que as mulheres possuem um pênis. Ainda intensamente ligada à mãe, vive a fantasia de dar um filho a esta ou de gerar um filho dela. Com a constatação de que a mãe não possui pênis e nem ela, sente-se injuriada narcisicamente e invadida por uma intensa inveja do pênis. Ressente-se com a mãe por esta não possuir e nem lhe ter dado um pênis e volta-se para o pai, num primeiro

momento, para recuperar este pênis perdido e, posteriormente, com o intuito de ter um bebê do pai. O bebê assume o lugar do pênis, e a atividade dá lugar à passividade. Diferente do menino, a castração na menina introduz o Édipo (Freud, 1933).

De acordo com a teoria psicanalítica tradicional, para a constituição do gênero é importante o estabelecimento das identificações com os pais, a partir da resolução dos conflitos edípicos (Kernberg, 1995).

Butler desconstrói o caráter fundante das predisposições ‘normais/naturais’ do desejo apresentadas por Freud. Freud desenvolve o Complexo de Édipo e afirma existir algo anterior a este. Segundo a teoria edipiana, o desejo pelo mesmo sexo é deslocado para o desejo heterossexual em função de predisposições. Butler afirma que tais predisposições são construções da cultura, da matriz heterossexual e não fatos sexuais primários do psiquismo, ou seja, são efeitos de uma lei imposta pela cultura e conseqüentemente do ideal de ego (que é formado pela mesma). O tabu contra a homossexualidade cria a possibilidade das “predisposições”, sendo só assim possível o conflito edipiano da forma que é apresentado. Muitas vezes a forma como a teoria freudiana é tomada faz parecer que estas predisposições são colocadas como uma meta-narrativa, como se fosse algo pré-discursivo, anterior à linguagem e a cultura. Fato que, segundo a autora, não faz sentido. (Butler, 2003).

A lei repressiva vai atuar de modo a classificar o que é dizível do que é indizível. Para ser possível acontecer o complexo de Édipo é preciso entender as predisposições sexuais como algo que é dado *a priori* e não construído pela cultura. Apenas partindo disso seria possível

justificar o deslocamento do desejo para o sexo oposto ao invés da identificação/internalização com o objeto perdido. Poderíamos perguntar se a identificação com o objeto perdido não seria mais simples, “mais natural” para o trabalho do ego, o que levaria, segundo a explicação psicanalítica, a um desejo pelo mesmo sexo; ao invés de posteriormente ter que fazer um deslocamento para se identificar com o outro objeto, levando a um desejo heterossexual?

6. MINHA MÃE FEZ TODA UMA NOVELA: AONDE FOI QUE EU ERREI?

6.1 - O Saber – disciplinarização do conhecimento

Falar da constituição dos saberes e conjuntamente percorrer a disciplinarização do conhecimento envolve muitos pontos já trabalhados até aqui. Na verdade os subtítulos colocados conversam entre si, entretanto é necessário estabelecer uma ordem para que a apresentação escrita possa ser estruturada. O fato é que as considerações sobre a psicanálise apresentadas anteriormente estão bastante ligadas ao que será desenvolvido nesse momento, ao passo que muito do texto que segue complementar a abordagem dada à psicanálise, por exemplo. Fato semelhante ocorre com a descrição do dispositivo da sexualidade que é central e atravessa todo o texto, sendo fundamental tê-lo claro nas problemáticas que seguem.

Nas falas dos/das entrevistados/entrevistadas é visível também esse conjunto. Muitas falas poderiam ser repetidas diversas vezes, tanto quando se pensa no dispositivo da sexualidade, quando se fala em psicanálise ou quando se aborda a disciplinarização do conhecimento. Muito do que já foi escrito poderia aqui ser reescrito. Pensando na posição de saber ocupada pela ciência psicológica (já que é o que este tópico pretende abordar) é possível destacar uma fala de Bere:

Depois eu estava passando por uma fase conturbada, aí eu procurei uma psicóloga. Não lembro direito a linha, mas.... ela era junguiana. Foi uma experiência horrível. Eu antipatizei com ela à primeira vista. Era extremamente arrogante e com um ar de grande superioridade. Todas coisas que eu dizia ela contestava, foi muito marcante, eu lembro disso justamente pela raiva que eu senti (risos). Ela intervinha sempre e sempre de uma forma muito “verdadeira”. Pra mim tinha uma barreira muito grande ali e ela me parecia completamente fora de tudo. Era uma

ruptura, tudo diferente. As roupas, a voz, o jeito que ela mexia o cabelo, assim, era uma perua entende, cheia de frases de efeito e eu me perguntava o que eu estou fazendo aqui (Bere – referindo-se a sua segunda experiência com profissionais da área psi).

Bere descreve uma psicóloga que ocupa o lugar de detentora da verdade. Tal atitude parece estar ligada à psicologia como ciência. Remeto-me à segunda metade do século XVIII:

Toda segunda metade do século XVIII viu desenvolver-se um trabalho de homogeneização, normalização, classificação e centralização, ao mesmo tempo, do saber médico. Como conferir um conteúdo ao saber médico, como impor regras homogêneas à prática dos tratamentos, como impor essas regras à população, menos, aliás, para fazê-la compartilhar esse saber do que para torná-lo aceitável a ela? Isso foi a criação dos hospitais, dos dispensários, da Sociedade Real de Medicina, a codificação da profissão médica, toda uma enorme campanha de higiene pública, toda uma enorme campanha também sobre higiene dos recém-nascidos e das crianças, etc. (Foucault, 2005, p. 216).

O século XVIII é chamado em muitos livros de História de “século das luzes”. Foucault (2005) afirma, por sua vez, que temos a “problemática das luzes”, já que essa mudança na forma de pensar não se deu da noite para o dia. Da forma que “o nascimento das luzes” foi introduzido e continua sendo apresentado, parte-se de uma idéia que a racionalidade viria a iluminar a escuridão provocada pela Idade Média no conhecimento. A partir de Foucault (2005) é possível entender que o que se estabelece é o combate dos saberes uns contra os outros e não uma luta do conhecimento contra a ignorância. Os saberes técnicos/tecnológicos tiveram sua grande emergência nesse período. Estes saberes eram bastante polimorfos e dispersos, estavam nas oficinas e nas pequenas indústrias que começavam a se solidificar em diferentes regiões. Inicialmente tinham-se muitos saberes secretos, guardava-se o segredo da técnica, tanto nos trabalhos artesanais, quando nas

primeiras manufaturas. O saber funcionava como riqueza. A partir daí, as indústrias começavam a anexar as técnicas artesanais, por vezes secretas, nesse sentido, os saberes maiores iam apropriando-se dos menores o que fazia com que se estabelecesse uma luta econômica-política em torno dos saberes. Nessa luta aconteceu a intervenção do Estado com o que Foucault estabelece como quatro procedimentos para generalização dos saberes. O primeiro procedimento foi o de eliminação e desqualificação dos saberes inúteis e dispendiosos; depois a normalização dos saberes dispersos, promovendo uma comunicação entre eles, ou seja, de sigilosos passavam a ser intercambiáveis; a próxima etapa era a de classificação hierárquica, sendo assim, seria possível de encaixá-los uns aos outros, fazendo com que os saberes mais gerais e formais fossem diretrizes para os outros; e, por fim, o controle dos saberes pela centralização piramidal, da forma que o conteúdo era dado de baixo para cima, mas sua direção era apontada do vértice para a base da pirâmide (Foucault, 2005).

A partir da intervenção do Estado e da generalização dos saberes, é possível destacar a importância da Enciclopédia, a importância de fazerem-se grandes investigações para catalogar os métodos seja de artesanato, seja de mineração, por exemplo. Surgem grandes escolas, responsáveis pela hierarquização, e inspetores que têm como atribuição a centralização dos saberes (Foucault, 2005). A rede discursiva construída nesse momento é muito semelhante a que temos hoje em relação ao conhecimento acadêmico, em que se destacam as enunciações dos saberes colocados como disciplinas e a evidência da ciência. Depois de percorrer o saber tecnológico, Foucault (2005) percorre o saber médico no século XVIII, no qual é possível notar os mesmos processos de formação do poder disciplinar: homogeneização, normalização, classificação e centralização. Acontece, então, a criação de

hospitais com o objetivo de centralizar o saber e o tratamento (diferentemente dos antigos hospitais que eram morredouros), funda-se a Sociedade Real de Medicina, a profissão médica é codificada, os procedimentos de higienização pública são intensificados.

Esse período permite uma organização interna de cada saber como disciplina, o que possibilita descartar o falso-saber, o não-saber. Dessa forma, cada saber organizado torna possível uma intercomunicação e uma hierarquização num campo global ou disciplina global, denominada de “a ciência”. Antes desse período, ela não existia, existiam ciências, nesse ponto de articulação a filosofia perde o seu valor neste campo. Abre-se espaço para a generalização das Universidades e para a morte do cientista amador. Inicia-se o declínio da ortodoxia eclesiástica, sendo substituída pela disciplina científica, com isso o controle deixa de estar ligado ao conteúdo dos enunciados e passa a centrar-se na regularidade das enunciações (Foucault, 2005):

O problema será saber quem falou e se era qualificado para falar, em que nível se situa esse enunciado, em que conjunto se pode colocá-lo, em que e em que medida ele é conforme a outras formas e a outras tipologias de saber. Isso permite ao mesmo tempo, de um lado, um liberalismo num sentido, se não indefinido, pelo menos muito mais amplo quanto ao próprio conteúdo dos enunciados e, do outro, um controle infinitamente mais rigoroso, mais abrangente, mais amplo em sua superfície de apoio, ao nível mesmo dos processos de enunciação. (...) Passou-se, se vocês preferirem, da censura dos enunciados para a disciplina da enunciação, ou ainda da ortodoxia para algo a que eu chamaria a ‘ortologia’, e que é a forma de controle que se exerce agora a partir da disciplina (Foucault, 2005, p. 220).

A primeira noção que eu tive da psicologia, do campo da psicoterapia, foi através da minha mãe de uma forma bastante medicalizante. Bere conta que quando a mãe descobriu que ela tinha uma namorada, ela encaminhou a filha para o médico a fim de que ele a curasse. A psicologia, como saber disciplinar, ficou responsável pelo estudo das verdades sobre a

sexualidade humana. O desenvolvimento normal da sexualidade passa a ser competência da ciência, nesse sentido a clínica psicológica intervém orientada pela “verdade” apreendida nos meios de formação. Bere traz um relato em relação ao tempo em que esteve na Universidade:

Eu fiquei muito chocada na época da minha graduação. Eu tive a oportunidade de circular bastante pela universidade. Aí tinham umas meninas da psicologia e eu lembro uma vez eu peguei carona com um professor e essas meninas estavam. Uma delas estava bastante angustiada porque tinha separado do marido e tal... e elas estavam conversando sobre isso... aí outra delas, disse que viu um conhecido delas na praia e estava junto com outro rapaz que era visivelmente gay e ela disse que nunca podia imaginar que o fulano fosse gay. Aí essa que estava se separando disse, ‘ai o fulano que coisa... que nojo, eu convidei ele até pra ir na minha casa, que nojo não consigo nem imaginar dois homens numa cama’; aí a terceira que estava junto também comentou que ela também ficava apavorada com esses homens hoje em dia... aí eu quieta e elas bateram no meu ombro e disserem ‘viu Bere, tu sabia disso, o fulano é veado’... Aí eu pensei, meu Deus, e são todas da psicologia. (...) Aí o que mais me chateava é que elas não me enxergavam. Eu não era o tipo de mulher que ia com elas pras festas, que naquela época eu era bastante reservada; tipo elas não entendiam ou não percebiam que eu era lésbica. Isso tudo pra mim desmistificou uma pré-noção desses profissionais. (Bere)

Bere, a partir de sua fala, faz pensar sobre a formação do/da profissional que atua na área psicológica. Parece que o fato da colega ser lésbica não era cogitado pelas alunas de psicologia. Uma rede enunciativa de preconceitos frente à homossexualidade pode ser claramente observada. O episódio que ela nos conta ocorreu na década de 1990, antes da postura de estigmatização da homossexualidade ser proibida pelo Código de Ética Profissional do/da psicólogo/psicóloga, entretanto é possível perguntar o que mudou? Como é a postura dos/das estudantes de graduação? Algumas pesquisas nesta área foram conduzidas a fim de verificar o preconceito através de estudos de representação social. Lacerda, Pereira e Camino (2002) realizaram uma pesquisa junto a estudantes de graduação e classificaram os resultados em três grupos: preconceituosos flagrantes que aderiram às explicações ético-morais e religiosas (próprias dos estudantes de engenharia), preconceituosos sutis que aderiram a

explicações biológicas e psicológicas (mulheres e estudantes de medicina) e não preconceituosos que utilizam explicações psicossociológicas (próprias de estudantes de psicologia). Convém, entretanto, considerar se o fato dos/das estudantes de psicologia não terem preconceito implica no fato dos/das mesmos/mesmas avaliarem ou não a homossexualidade como algo a ser curado ou algum desvio¹¹. Esse mesmo estudo comenta uma pesquisa realizada por Camino e Pereira (no prelo) em relação à Resolução do Conselho Federal de Psicologia na qual evidenciaram que ela foi considerada um avanço em Psicologia para os professores que atuam nas áreas social e organizacional, ao passo que mais da metade dos professores que trabalham com a área clínica discordaram da resolução.

Neste sentido também pode ser destacada uma pesquisa americana com psicólogos/psicólogas a partir de estudos de caso em que aparecia um relato de homossexualidade para ser analisado junto a outros dois casos. O estudo indica que terapeutas que tinham crenças mais positivas em relação a um grupo (homossexuais, heterossexuais ou bissexuais) eram menos propensos a indicar aspectos clínicos relacionados à sexualidade como se estes tivessem algum vínculo com os problemas/queixas apresentados pelo cliente. Além disso, a pesquisa sugere que programas de treinamento para terapeutas e supervisão clínica podem ajudar a reduzir o preconceito frente às diversas formas de sexualidade, tendo em vista que tais iniciativas auxiliam os/as terapeutas a compreender o seu potencial de preconceito inconsciente, mesmo entre indivíduos que acreditem que sejam capazes de impedir que seus valores pessoais influenciem seu trabalho (Mohr e Weiner, 2006).

¹¹ Nesse sentido, podemos questionar se eles/elas poderiam dizer que não são preconceituosos/preconceituosas, que aceitam, mas continuariam a entender a homossexualidade como falha de um processo. A forma que eles entendem a homossexualidade é um ponto que não ficou claro, talvez pudesse ser mais estudado nessa ou em outras pesquisas.

Sobre a formação, Paiva (2006) afirma que a psicanálise demonstra que a sexualidade humana está muito distante da animalidade, tendo em vista que ela caracteriza-se pela representação e pela fantasia, entretanto, a psicanálise retoma o modelo teleológico da sexualidade, ou seja, entende que o caminho normal seja a heterossexualidade. A partir disso, todas manifestações do desejo que não fossem heterossexuais estariam vinculadas a algum tipo de fixação no desenvolvimento. Esse pano de fundo do desejo heterossexualmente orientado está presente inclusive das teorias lacanianas da diferença sexual e é retomado na prática da psicanálise, assim como na formação dos analistas, como o autor afirma ter tido a oportunidade de analisar em outro momento (Paiva, 2006).

Para dar continuidade, penso a relação da clínica psicológica com o dispositivo da sexualidade na contemporaneidade, tomando esses dois campos a partir de uma inspiração genealógica, entendendo assim a construção da ciência como algo central e presente na composição dessa relação. Foucault (2006) percorre genealógicamente as questões ligadas ao sexo, não no sentido de origem, mas no sentido de proveniência, uma vez que “a história nos ensina também a rir das solenidades da origem” (Foucault, 1988, p. 18). Tomo aqui o ponto em que Foucault trata da instância da regra. “O poder seria, essencialmente, aquilo que dita a lei, no que diz respeito ao sexo. O que significa, em primeiro lugar, que o sexo fica reduzido, por ele, a um regime binário: lícito e ilícito, permitido e proibido” (Foucault, 2006, p. 93) e esse poder vem através da linguagem, um ato de discurso que cria um estado de direito. “Ele fala e faz-se a regra (...) a ação com respeito ao sexo seria jurídico-discursivo” (Foucault, 2006, p. 94). A partir do paradigma psicanalítico, tomando a psicanálise clássica, toda ação terapêutica de busca de uma origem infantil, de interpretação com base no complexo de Édipo,

levaria infinitamente a reafirmação desse poder da linguagem e dessa lei dicotômica do sexo. Se o ato do discurso cria o estado de direito, a psicanálise tradicional é mantenedora e também totalmente baseada na lógica jurídico-discursiva.

Se junto a Foucault (2006) “tentemos desembaraçar-nos de uma representação jurídica e negativa do poder, renunciemos a pensá-lo em termos de lei, de interdição, de liberdade e de soberania” (p. 101), caem por terra muitos estatutos da psicanálise ortodoxa. Quais dispositivos estariam para além da lógica da interdição? Butler (2003) convida a pensar no Complexo de Édipo, como já apresentado anteriormente, a partir daí ela afirma que anterior à proibição do incesto há outra grande proibição: a da homossexualidade. Foucault fala em analisar a formação de certo tipo de saber sobre o sexo, em termos de poder, mas não necessariamente em termos de lei e repressão. O saber psicológico sobre o sexo está exatamente aí na questão da interdição. Pensar outras formas abre a possibilidade de pensar outras intervenções. A palavra poder já vem muito carregada, poder e lei parecem sinônimos e esse sentido Foucault também desconstrói. Ele não entende o poder como forma de sujeição e regra. Sobre o poder ele afirma que:

Parece-me que se deve compreender o poder, primeiro, como a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, das hegemonias sociais (Foucault, 2006, p.102).

O poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação

estratégica complexa numa sociedade determinada (Foucault, 2006, p. 103).

Outro ponto importante é pensar que o saber psicológico em muitos pontos escapou para o senso comum. Isso fica evidente na fala de muitos/muitas entrevistados/entrevistadas, tanto em relação a si, quanto em relação a como os/as pais/mães perceberam a homossexualidade, buscando encontrar em que ponto da criação dos/das filhos/filhas eles/elas falharam. Observa-se isso na seguinte fala:

Eu tinha 15 anos, por aí, e minha mãe descobriu que eu tinha uma namorada. E aí foi um horror, um caos, minha mãe fez toda uma novela, aonde foi que eu errei. Não vou mais te mandar pro colégio, sabe como é interior (Bere).

Somos subjetivados por um saber que fala da figura materna, paterna, das fases sexuais. Não se fala mais de complexo de Édipo apenas nos consultórios psicanalíticos, hoje os jornais, as revistas, definidas como femininas, trazem matérias com diversas explicações freudianas, trazem o saber acadêmico para o senso comum, como pode ser observado nas matérias abaixo:

Eros com leite:

A SEXUALIDADE começa na infância: quem disse foi Sigmund Freud, o pai da psicanálise. Buscamos prazer no próprio corpo desde os primeiros tempos de vida, quando a função sexual estava ainda ligada à sobrevivência. Mamar no peito da mãe, ser cuidado e tocado com carinho são as primeiras lições de amor que o bebê recebe - e essa vivência vai nos marcar para sempre, influenciando o nosso modo de amar. E, se a princípio os prazeres físicos são vividos sem censura pelo bebê, em simbiose com o corpo materno, aos poucos a criança aprenderá a reprimir seus impulsos. Essa função repressora na verdade é desejável, pois nos ajuda na adaptação ao mundo. Na fase dos 6, 7 anos, por exemplo, a energia libidinal será desviada para o aprendizado. Só na adolescência essa pulsão vital encontrará outros caminhos - como o interesse pela masturbação e pelo sexo oposto. Com sua teoria da libido, Freud acentuou a importância do erotismo na vida. "Para ele, sexualidade é tudo o que está ligado à obtenção do prazer", define Suely Gevertz, da Sociedade Brasileira de Psicanálise, em São Paulo. Mas não

há regras fixas. Contemplar um quadro pode ser prazeroso... para quem aprecia artes plásticas. E substituir sexo por compras pode até funcionar às vezes, mas quem anseia por um namorado não vai se contentar por muito tempo. "O prazer libidinal não se esgota na satisfação genital, apenas culmina com ela", explica Suely. Para a especialista, é possível separar sexo de afeto. Tudo depende do seu desejo. Se o objetivo for um encontro sexual, ok. Mas, se o que você quer é vínculo, um encontro fortuito não vai satisfazê-la (Rose Campos - Revista Cláudia on-line)¹².

Sugar a chupeta, então, tem a ver com a chamada fase oral? Sim, totalmente. "A criança de zero a 2 anos tem uma necessidade inata de sugar. Por isso, a chupeta acalma e transmite prazer – é o que chamamos de fase oral, época em que a criança se apropria do mundo pela boca", esclarece Márcia Figueiredo, psicóloga e psicopedagoga do Centro Educacional Miraflores, no Rio de Janeiro. A boca é o canal de comunicação da criança com o exterior. Nessa fase, ela literalmente experimenta tudo o que existe. Ela sabe que o seio da mãe é fonte de alimento e afeto. A chupeta é um objeto que imita o bico do seio, por isso também consegue acalmar os pequeninos. "A chupeta funciona como um conforto emocional para aquele bebê que está com toda a energia de desenvolvimento voltada para a região oral. A chupeta não é vilã. Ela age como um carinho à criança, já que a mãe não pode dar o peito 24 horas por dia", justifica Lucia Marmulstzajn, psicóloga do setor de psiquiatria infantil da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro (Suzana Dias – Dossiê Chupeta on-line)¹³.

Em uma outra revista as fases psico-sexuais, propostas por Freud, são descritas para orientar os/as professores/professoras:

O médico austríaco Sigmund Freud dividiu o desenvolvimento sexual do ser humano em diferentes fases, conforme os órgãos, seres e objetos que proporcionam prazer e a relação que o indivíduo estabelece com eles.

- Fase oral

Até os 2 anos, o órgão que concentra o prazer é a boca. É por meio dela que o bebê descobre o mundo, explorando objetos e partes do corpo. Os cuidados com segurança e limpeza são essenciais para que a curiosidade seja saciada sem afetar a saúde.

- Fase anal

Aprendendo a controlar o esfíncter, a criança de 3 e 4 anos sente prazer na eliminação e na retenção das fezes e da urina. Por isso, pressionar para que ela largue as fraldas gera ansiedade e angústia. O ideal é elogiá-la quando pede para ir ao banheiro ou toma sozinha a iniciativa.

- Fase fálica ou genital

Entre os 3 e 5 anos, a atenção se volta para o próprio órgão sexual e nasce o prazer em manipulá-lo. Essa atitude é também uma busca pelo

¹² Retirado do site <http://claudia.abril.com.br/materias/2522/?sh=26&cnl=12>.

¹³ Retirado do site http://bebe.abril.com.br/0_12/saude/bebe-chupeta.php?pagina=1&number=1#Spage.

autoconhecimento. Meninos e meninas percebem que têm (ou não) pênis. A vagina ainda é ignorada.

- Latência

A curiosidade sexual existe, mas é canalizada em grande parte para o desenvolvimento intelectual e social. Apesar desse desvio da libido, dos 5 aos 11 anos a criança continua explorando as diferenças para descobrir o que é ser menino ou menina.

- Puberdade

Dos 12 aos 18 anos, o adolescente volta à fase genital, mas dessa vez o desejo vira vontade de fazer sexo. Os fatores sociais e emocionais que se ligam ao prazer ganham importância. A ação dos hormônios se intensifica, e o corpo amadurece. **É comum o jovem se masturbar, ter sonhos eróticos e fantasias. Nas meninas, é tempo da primeira menstruação.**

Como se viu nas experiências relatadas nesta reportagem, a boa Orientação Sexual deve incentivar sempre a reflexão. Assim, seja qual for o tema tratado, ele se tornará mais interessante para a criança e o jovem. Pois, como já dizia Freud, a sede de conhecimento parece ser inseparável da curiosidade sexual. É por isso que toda escola deve ter um projeto sobre o tema. Com ele, os alunos não apenas ficarão mais preparados para viver sua vida de forma plena e feliz, mas estarão também mais aptos para o aprendizado (Revista Nova Escola on-line – edição 214)¹⁴.

A idéia de apresentar os trechos acima não é criticar que o saber psicológico/psicanalítico esteja circulando pelo sendo comum e sim apenas constatar. Entretanto não há como deixar de apontar, através dos grifos feitos em partes do texto, enunciados da presença da cultura heteronormativa: “*Só na adolescência essa pulsão vital encontrará outros caminhos - como o interesse pela masturbação e pelo sexo oposto.*” E “*É comum o jovem se masturbar, ter sonhos eróticos e fantasias. Nas meninas, é tempo da primeira menstruação.*” O primeiro trecho aponta para o enunciado do interesse do/da adolescente ser heterossexual e o segundo trecho traz um enunciado que parece estar dentro de uma lógica machista, em que o homem busca o prazer da masturbação, uma vez que não deixa claro se o interesse pela masturbação é de ambos os sexos ou só dos jovens (nesse sentido – os meninos), tendo em vista que quando fala da menstruação se refere às meninas.

¹⁴ Retirado do site <http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/desenvolvimento-e-aprendizagem/assunto-sexo-serio-432290.shtml>.

Além de questões psicológicas que circulam pelo senso comum e conseqüentemente fazem parte dos processos de subjetivação dos/das entrevistados/entrevistadas, as próprias experiências de atendimento clínico marcam a forma como a pessoa se vê frente a sua orientação sexual, como pode ser percebido em outra fala de Bere, contando a experiência de terapia com um psicólogo que ela gostou muito. Foi o terceiro contato com um profissional da área psi, o primeiro havia sido o psiquiatra indicado por sua mãe e a segunda a psicóloga junguiana.

Um psicólogo que eu gostei muito. Ele era muito jovem. Em relação à sexualidade ele não parecia incomodado. (...)Foi numa sessão que veio assim as boas memórias do meu pai. Ele pontuou como meu pai foi importante para desenvolver meu lado criativo, como ele era acolhedor diferente da minha mãe. Aí quando eu disse isso pra ele, eu ia reclamar, assim de ter uma mãe muito autoritária. Ele disse não, isso está muito clássico, foi ele que disse para ai... tipo eu que ia falar a mãe autoritária exercendo o papel do pai, etc... Agora é inevitável, em alguma conversa a heteronormatividade sempre atravessa, também fico pensando como não atravessaria (Bere em relação ao contato com o terceiro profissional de psicologia).

A partir dessa fala percebe-se que é a paciente que busca dar para o psicólogo a interpretação dos fatos como é aprendido em psicologia, depois de suas outras experiências clínicas. Parece que ela já chegava ao terapeuta com a receita pronta: meu *self* é assim por causa disso, disso e disso. Ela usa do modelo psicanalítico de que a mãe é muito autoritária e o pai é ausente, como afirma que sempre leu e sempre foi a intervenção dos/das outros/outras profissionais. O terapeuta por sua vez, faz o caminho inverso, buscando destacar as boas memórias que Bere tinha de seu pai. Durante a entrevista ela conta bastante entusiasmada histórias sobre o seu pai como a do peixe dourado que ele contava que existia no rio Guaíba e sua ansiedade para vê-lo quando chegasse em Porto Alegre, fatos que afirma ter memorado e

valorizado em função dessa abordagem psicológica, percebendo a importância da figura do pai em sua vida.

Tendo como pressuposto a psicologização do cotidiano, parece muito fácil entender o que é o normal e quais as causas para alguma coisa ficar distante dessa normalidade. Parece que cada indivíduo tem acesso a como se constitui seu *self* e os *selves* de quem o cerca. Esse saber pode levar a resultados deterministas, à medida que funciona como uma maneira de indicar uma única e verdadeira forma de constituição em vários aspectos da vida, sendo a sexualidade um exemplo. Pode-se até dizer que a sexualidade é mais do que um exemplo, visto que ela é a base de muitas teorias psicológicas. Há uma apropriação do saber psicológico e isso pode ser evidenciado na fala tanto dos entrevistados sobre si, quanto quando relatam alguma situação vivida na família. Ainda, em alguns casos, parece que o senso comum tomou conta do consultório, acontecendo o que poderíamos chamar de uma cotidianização da fala do/da psicólogo/psicóloga. Bere relembra um atendimento em que a psicóloga, depois de apresentar uma postura heteronormativa no início do atendimento, fez um comentário bastante banalizado em função da homossexualidade:

Aí eu lembro assim em relação à sexualidade, que ela perguntou do nada assim, se eu tinha um companheiro. Aí eu disse que já tinha tido, mas que pelo menos naquele momento eu não me interessava por homens. Aí ela fez um comentário que me parecia assim o editorial da Capricho, eu me lembro assim que era uma frase muito artificial tipo bah, mas essas coisas hoje em dia... Essas coisas... isso me soou tão artificial, tão vazio, essas coisas... hoje em dia, aí ela continuou, essas coisas hoje em dia nós vamos falar mais sobre isso, e continuou com suas frases sem parar... aí eu desisti, eu me sentia muito intimidada pela forma que ela atendia. Mas mesmo assim ela insistiu muito pra eu ir mais uma vez, aí eu fui no caminho pensando o que dizer para aquela mulher. Na sessão ela falou, falou e no final pegou a agenda pra marcar, lembro das unhas pintadas enormes dela, tudo era agressivo

naquela mulher, parecia que ela ia me jogar pela janela ou me engolir (risos). Uma presença imensa que foi me sufocando muito, aí ela vendo horários, até que eu dei um grito NÃO, ela deu um pulo pra trás (risos). Aí eu disse desculpa, mas eu não venho mais (Bere – referindo-se ao segundo tratamento psicológico).

7. POR UMA CLÍNICA NÃO FASCISTA - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de considerar intolerável o que muitos/muitas psicólogos/psicólogas fazem em seus consultórios, ainda acredito na psicologia e por esta razão busquei/busco entender o que ela produz nas suas diferentes abordagens clínicas. Muito do que fica para o sujeito que se senta frente ao profissional psi, no que se refere às pessoas entrevistadas e na forma de vulgarização do saber psi na mídia, foi descrito e analisado nas páginas anteriores e, infelizmente, em muitos casos, torna a vida das pessoas mais difícil. Acredito que seja possível uma psicologia que produza outros efeitos no campo da sexualidade, como alguns/algumas entrevistados/entrevistadas trouxeram, que não repita a adaptação à heterossexualidade compulsória ou que pelo menos seja capaz de acreditar na manifestação de um desejo legítimo e que não o considere como inferior ou fruto de uma falha no desenvolvimento.

Minha intenção não foi de afirmar que a clínica psicológica esteja fadada ao insucesso sempre que trabalhar junto ao grupo que não esteja de acordo como a norma sexual, tal como ela é sancionada no interior do dispositivo da sexualidade; mas que a psicologia foi, ao mesmo tempo, fruto e discurso reafirmador de uma verdade única sobre os sujeitos no interior deste mesmo dispositivo. Da mesma forma que a intenção da pesquisa não foi de maneira alguma um ataque à idéia de inconsciente e nem à estruturação edípica apresentada por Freud; mas de situar estas bases conceituais como fruto de um tempo e um contexto histórico específicos e que, assim como produziram rupturas em determinados modos de assujeitamento, produziram outros, sobretudo ao tomar um determinado conhecimento datado e contextualizado como dogma, caminho este reforçado pela institucionalização da psicanálise e de sua apropriação no

senso comum. Concordo que a psicanálise tenha muitos efeitos de incremento das práticas de liberdade, sobretudo no que se refere à discussão da ética na psicanálise, de transferência e do inconsciente como fruto da cultura, entretanto considero que hajam aspectos a serem relativizados. A idéia da pesquisa, por sua vez, foi percorrer a clínica para visualizar de que forma ela está presente na vida dos sujeitos, como ela se constrói da forma que é apresentada. O que questionei ao longo do trabalho foram as verdades tidas como absolutas na inauguração da clínica psicológica, uma delas, pensando na direção da psicanálise, a noção do complexo de Édipo. Propus, me apoiando em Judith Butler, pensar que existe um interdito anterior, do qual não se fala, que é o interdito da homossexualidade. Outra noção questionada foi o caráter adaptacionista das psicologias e a sustentação de uma rede enunciativa ligada ao anormal, herança de seu surgimento junto ao saber médico/psiquiátrico.

Uma questão que eu gostaria de retomar é que a análise das entrevistas não se baseou em estudos de caso. Digo isso, prevendo ser questionada em falas dos/das entrevistados/entrevistadas quanto a possíveis transferências, interpretações, contra-transferências que poderiam vir a se estabelecer tanto na hora das entrevistas quanto durante o atendimento psicológico descrito. Entretanto é importante, repito mais uma vez, que fique claro que a análise das trajetórias de vida não se baseia no processo clínico. A idéia não foi analisar o processo terapêutico e sim o que fica dele, ou seja, o que marcou os/as entrevistados/entrevistadas no que se refere à forma como seus/suas terapeutas lidaram com seus desejos marcados por uma orientação não heterossexual, que enunciados atravessaram a fala dos terapeutas e como eles se ancoravam e estruturavam as práticas psi. Não estou atacando o inconsciente, apenas entendendo que ele também é uma produção da cultura,

pensando que é construído e não natural. Da mesma maneira o mito do Édipo marca a forma como Freud propôs compreender a estruturação do sujeito, mas ele não pode ser considerado a única possibilidade. Ele faz parte do inconsciente da cultura, mas, junto a ele, é necessário dar espaço a outros muitos mitos e as suas interpretações não deveriam hierarquizar sexualidades. E talvez a mitificação não seja ainda a forma mais adequada de pensar, visto que, esbarrar-se-ia novamente em pressupostos representativos/identitários podendo recair na armadilha de deixar sempre algo/alguém de fora, à margem. A própria psicologia dita afirmativa (uma psicologia para gays e lésbicas) tende a rumar ao mesmo modelo identitário.

A intervenção heterossexista e normativa da psicologia tradicional, de alguma forma, foi contribuinte para a intensificação das políticas identitárias que tiveram nela (principalmente na psicanálise) uma forte fonte de oposição a conceitos considerados taxativos como o Complexo de Édipo, por exemplo. Nesse sentido, Foucault (2006) afirma que todos os discursos sobre as espécies de homossexualidade permitiram um grande avanço nos controles contra o ‘perverso’, embora tenham, por sua vez, possibilitado um discurso de reação, ou seja, a homossexualidade pôde começar a reivindicar sua legitimidade, mesmo que fosse na ordem do desqualificado, do anormal.

A intensificação das políticas identitárias está ligada a diversos outros fatores¹⁵, a entrevistada Bere, por exemplo, comenta que na década de 1980, com uma idéia de fim da

¹⁵ Outros fatores que intensificaram as políticas identitárias não serão explorados nesse momento. Para um melhor entendimento sugiro a leitura do artigo *Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação* de Guacira Lopes Louro (Louro, 2001).

ditadura militar, houve um momento político que auxiliou para que os grupos identitários fossem constituídos:

Com meus irmãos foi mais tranqüilo, tinha um clima social favorável. Todos jovens, década de 80. Tinha a repressão, mas entre os jovens tinha um clima de maior abertura, se falava de feminismo, das mulheres. Parece que tudo que soasse como proibitivo era associado à ditadura, então eu vejo que tinha ali também um momento político. (Bere)

Louro (2001) afirma que aos poucos se constrói a idéia de uma comunidade homossexual. Na década de 1970, a política de identidade buscava um caráter unificador a fim de ‘integrar’ os/as homossexuais ao sistema social. Entretanto, nesse momento, já se percebiam algumas críticas internas às políticas identitárias, uma vez que estas adotavam algumas convenções sociais estabelecidas como o relacionamento comprometido e monogâmico, privilegiando o masculino, o que eram traduzidas por políticas impregnadas de valores brancos e de classe média.

As políticas identitárias, num primeiro olhar, parecem que abrem a possibilidade para uma forma menos presa de existência, entretanto, tais políticas são encaminhadas na mesma lei da linguagem, em que se tem o gay, a lésbica, o isso, a aquilo, discriminando, de certa forma, quem não se encaixa nesses padrões. Aí talvez haja uma brecha para pensar numa clínica outra, diferente da que segue os pressupostos das políticas identitárias, visto que esse caminho levaria outra vez a uma clínica taxativa e pautada pela lógica da representação, baseada fortemente em conceitos como a identidade do sujeito o que gera o aprisionamento de possibilidades outras de existência. Naffah indica a diferença de um registro de intensidades e de um registro de representações:

Grosso modo, o *registro das intensidades* descreve o Ser no seu devir múltiplo, com seus campos de forças, prenes de afetos, expandindo-se e intensificando-se. O *registro das representações*, por sua vez, descreve o universo das formas, das identidades, dos nomes, dos códigos que capturam as forças múltiplas e as traduzem por cifras, conceitos, homogeneizando o que, por natureza, é heterogêneo. (NAFFAH, nota 01, 1989, p. 29).

Talvez seja difícil de pensarmos numa lógica das intensidades, visto que somos subjetivados na lógica das representações. Como somos subjetivados pela lógica heteronormativa, obviamente não é uma resolução do conselho de psicologia que fará com que os/as psicólogos/psicólogas aceitem a homossexualidade. Da mesma forma que os/as próprios/próprias homossexuais, por estarem inseridos na mesma cultura, muitas vezes também são preconceituosos. Trago algumas falas em que os/as entrevistados/entrevistadas falam desse preconceito:

Até porque eu sempre tive horror a cara veado, nunca gostei, sempre tive muito preconceito. Eu sempre fui muito preconceituoso. Às vezes a gente discutia sobre isso e eu sempre fui mais preconceituoso que ela (a psicóloga). Comigo mesmo assim sabe... agora eu já to melhor (risos). É igual pessoa negra que tem preconceito; às vezes tem mais preconceito que os outros (Duda).

Eu não tenho essa paranóia, mas tem que sempre estar se cuidando, a sociedade é heteronormal, os ambientes são heteronormais, é como com os negros (Bere).

Meus filhos não sabem, pelo menos eu não contei. A gente tem um ótimo relacionamento, mas cada um tem sua vida. Não sei se eles aceitariam, ainda mais por serem homens (Kaká).

Rafa, por sua vez, afirma que “para ser gay tem que ser um cara discreto e não uma bichona afeminada”, percebe-se que há a construção de um tipo ideal de sujeito. Um tipo inteligível que se encaixa numa identidade gay. Associado a este ideal normativo há o imperativo do próprio grupo identitário que cobra uma saída do armário, uma confissão da

orientação sexual, estabelecendo um padrão para ser o/a homossexual. Como busquei demonstrar ao longo do texto, tanto terapeutas como os sujeitos que os/as buscam, estão presos/presas no mesmo modo de subjetivação, o que indica mais fortemente que as práticas psi necessitam se repensar.

Birman (2004) convida a pensar a psicanálise para além da tradição da filosofia do sujeito, do imperativo do saber e do que ele chamou de perspectiva crítica. Será possível pensar uma psicanálise que se apóie no cuidado de si e na estética da existência¹⁶ como o autor sinaliza? Seria isso ainda a psicanálise? Ou seria uma outra psicologia/prática psi? Deleuze e Guattari, por sua vez, criticam a psicanálise (aquela que usa da tradição filosófica do sujeito) em função do idealismo que ela prega:

Chamamos de idealismo da psicanálise todo um sistema de rebatimentos, de reduções na teoria e na prática analíticas: redução da produção desejante a um sistema de representações ditas inconscientes, e a formas de causação, de expressão e de compreensão correspondentes; redução das fábricas do inconsciente a uma cena de teatro, Édipo, Hamlet; redução dos investimentos sociais da libido aos investimentos familiares, rebatimento do desejo sobre coordenadas familiares, ainda o Édipo. Ela responde à demanda, as pessoas chegam com seu Édipo. A psicanálise não faz mais do que elevar Édipo ao quadrado, Édipo de transferência, Édipo de Édipo, no divã como uma terrinha lamacenta. Porém, familiar ou analítico, o Édipo é fundamentalmente um aparelho de repressão das máquinas desejantes, e de modo algum uma formação do próprio inconsciente. Não queremos dizer que o Édipo, ou seu equivalente, varie conforme as formas sociais consideradas. Antes acreditaríamos, com os estruturalistas, que é um invariante. É por isso que atacamos o Édipo, não em nome de sociedades que não o comportariam, mas naquela que o comporta eminentemente, a nossa, capitalista. Não o atacamos em nome de idéias pretensamente superiores a sexualidades, mas em nome da própria sexualidade que não se

¹⁶ Foucault (1985) desenvolve, a partir da antiguidade greco-romana, os conceitos de cuidado de si e estética da existência, apontando para a possibilidade da produção de si mesmo como uma obra de arte, através de exercícios permanentes com critérios estéticos e éticos do bem viver. Entende o cuidado de si como “o conjunto das experiências e das técnicas que o sujeito elabora e que o ajuda a transformar-se a si mesmo” (Revel, 2005, p. 33). Para um aprofundamento sobre o assunto sugiro a leitura do terceiro volume da História da Sexualidade (Foucault, 1985).

reduz ao “sujo segredinho familiar”. (...) O que a psicanálise chama de resolução do Édipo é absolutamente cômico, é precisamente a operação da dívida infinita, a análise interminável, o contágio do Édipo, sua transmissão de pais para filho. É alucinante a quantidade de bobagens que se pôde dizer em nome do Édipo, a começar sobre a criança (Deleuze e Guattari, 1992, p. 27).

Deleuze e Guattari (1976, 1992) criticam ferozmente o Édipo e o associam à máquina capitalista, porém mantém o inconsciente, embora seja um inconsciente diferente das estruturas que estamos acostumados/acostumadas a apreender. A psicanálise, segundo os autores, se centra na neurose, de forma a desconsiderar o inconsciente esquizo. Freud descobre o desejo enquanto libido, mas ele aprisiona esse desejo numa cena de família – no Édipo. Claro que as condições de possibilidade para a emergência da teoria edípica eram condizentes próprias para que Freud lançasse sua teoria, mas ele acabou acentuando apenas a cena familiar.

Para a psicanálise, o Édipo passou a ser a formação do próprio inconsciente e para Deleuze e Guattari essa seria apenas uma das n formas possíveis, o Édipo vem a ser um mecanismo de repressão das forças desejanças quando entendido como única possibilidade positiva. Os autores passam da psicanálise ao fascismo, falam de um fascismo generalizado, o qual manipula o desejo por opressão e repressão, ameaçando o que eles chamam de “máquinas revolucionárias”. A partir desses conceitos eles vêem a própria psicanálise como uma forma de fascismo. E ao abordar o capitalismo (também como forma de aprisionamento do desejo) afirmam: “A psicanálise é como o capitalismo: tem por limite a esquizofrenia, mas não cessa de repelir o limite e de tentar conjurá-lo” (Deleuze e Guattari, 1992, p. 32) e mais adiante colocam: “não nos dirigimos aos que consideram que a psicanálise vai bem e tem uma visão

justa do inconsciente (...) nos dirigimos aos inconscientes que protestam” (Deleuze e Guattari, 1992, p. 34).

A partir de Guattari e Deleuze é possível pensar o inconsciente como potência. O que propõem é o processo esquizo, que permita se lançar nesse mundo da desterritorialização, da superfície, e que é impedido de virar esquizofrenia pela atividade revolucionária. Isso parece apenas ser possível a partir de uma vida não fascista e de atitudes não fascistas, pois o fascismo faz retornar sempre ao mesmo tipo de padrão/norma estabelecido por um modo de exercício do poder específico. Para ser possível uma clínica outra é necessário romper com os padrões que estabelecem uma única possibilidade de verdade, talvez aí o caminho de uma clínica não fascista.

Para buscar uma vida não fascista Foucault (1976) convida a não cair de amores pelo poder. Parece que estão nessas linhas de fuga, nisso que Deleuze e Guattari chamam de máquinas do desejo, uma possibilidade de estabelecer fluxos e romper com esse amor ao poder que leva ao fascismo, esse poder sempre desenhado da mesma forma, sempre igual.

Em síntese é possível dizer que Freud apresenta a psicanálise e tem como pressuposto o complexo de Édipo. Entendo que o complexo de Édipo seja algo cultural. Deleuze e Guattari propõem o anti-édipo e vêem na esquizofrenia uma possibilidade de desterritorialização. Entendem o capitalismo como um sistema mantenedor da estrutura neurótica. Foucault na introdução ao anti-édipo propõe uma vida não fascista. Cada sistema de poder cria verdades, normas, que podem ser quebradas nas disputas micropolíticas do dia a dia. Talvez seja

possível pensar em uma psicologia não fascista. Uma psicologia que trabalhe com a ética do cuidado de si, ao invés da tentativa de adaptação do sujeito às normas estabelecidas, uma psicologia que trabalhe no sentido horizontal (como Sócrates com Alcebiades¹⁷) e não com um posicionamento vertical de um suposto saber, baseado no posicionamento hierárquico das relações clínicas (sejam médicas ou psicológicas).

Penso que a psicanálise ainda seja ferramenta para a clínica, mas é necessário relativizar seus pressupostos. Talvez articulando uma conversa de Freud com Nietzsche¹⁸ é possível considerar que existam outras formas possíveis de ler Freud. Somando-se o uso da filosofia da diferença de Deleuze aos conceitos apresentados ao longo da pesquisa (principalmente os pensamentos de Foucault e Butler), talvez seja possível pensar uma clínica outra, com esquecimento (Nietzsche), potências, devires, dobras e sem o imperativo da lógica heteronormativa baseada em uma forma única e estruturalista de entendimento do sujeito a partir do falocentrismo que marca conceitos como o complexo de Édipo e o nome do Pai.

¹⁷ A relação de mestria entre Sócrates e Alcebiades não será abordada com profundidade aqui. Sugiro a leitura de Foucault (2006b), principalmente na aula de 13 de janeiro de 1982 e na primeira hora da aula de 27 de janeiro de 1982. Foucault (2006b) estabelece que a posição do mestre está ligada ao cuidado de si, já que o cuidado de si tem a necessidade da presença do mestre que “cuida do cuidado que o sujeito tem de si mesmo e que, no amor que tem pelo seu discípulo, encontra a possibilidade de cuidar do cuidado que o discípulo tem de si próprio” (p. 73).

¹⁸ Não é intenção nesse momento de detalhar a articulação entre Freud e Nietzsche, para tanto sugiro a leitura de Naffah Neto (1994).

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIRMAN, Joel. **Entre Cuidado e Saber de Si**: Sobre Foucault e a Psicanálise. Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará, 2004.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **Undoing Gender**. New York: Routledge, 2004.

CAMINO, Leôncio; PEREIRA, Cícero. **O papel da Psicologia na construção dos direitos humanos**: Análise das teorias e práticas psicológicas na discriminação do homossexualismo. In GUIMARÃES, F. (Org.), *A interdisciplinaridade em questão*. Campina Grande: UEPB, no prelo.

CONSELHO Federal de Psicologia. **Resolução CFP nº 001/99** de 22 de março de 1999.

CONSELHO Nacional de Combate à Discriminação. **Brasil sem Homofobia**: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

CORDIOLI, Aristides Volpato. **As Psicoterapias mais Comuns e suas Indicações**. In CORDIOLI, Aristides Volpato. *Psicoterapias: Abordagens Atuais*. Porto alegre: Artmed, 1998. p. 19-34.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Entrevista sobre o anti-édipo**. In DELEUZE, Gilles. *Conversações: 1972-1990*. 1. ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. p. 23-36.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio; SANTI, Pedro Luiz Ribeiro de. **Psicologia, uma (nova) introdução**: uma visão histórica da psicologia como ciência. 2. ed. São Paulo: EDUCS, 2000.

FISCHER, Beatriz D. Foucault e histórias de vida: aproximações e que tais. **História da Educação ASPHE**, Pelotas, v.1, n.1, p. 5-20, abr. 1997

FOUCAULT, Michel. **Introdução à vida não fascista**. In DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade III: O Cuidado de Si**. São Paulo: Edições Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FOUCAULT, Michel. Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade. **VERVE**: Revista Semestral do NU-SOL - Núcleo de Sociabilidade Libertária, São Paulo, n.5, p. 260-277, maio 2004.

FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal; 2006.

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006b.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FREUD, Sigmund. **Conferência XXXII: Feminilidade**. Vol. 22. Rio de Janeiro: Imago, 1933.

FREUD, Sigmund. **Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 2000.

KEHL, Maria Rita. **Ressentimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

KERNBERG, O. F. **Psicopatologia das relações amorosas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

LACERDA, Marcos; PEREIRA, Cícero; CAMINO, Leoncio. Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das representações sociais. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p.165-178, 2002.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o Sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relumê-Dumaca, 2001.

LEAL, Isabel. **Parentalidades. Questões de gênero e orientação sexual**. In A. F. Cascais (Ed.), *Indisciplinar a teoria: Estudos gays, lésbicos e queer* Lisboa: Fenda, 2004. p. 215-243.

LOUREIRO, Inês. **Luzes e Sombras. Freud e o advento da psicanálise**. In JACÓ-VILELA, Ana Maria; FERREIRA, Arthur A. L.; PORTUGAL, Francisco T. *História da Psicologia: rumos e percursos*. Rio de Janeiro: Nau Ed., 2006. p. 371-386.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 46, p. 201-218, dez. 2007.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, vol.9, n.2, p. 541-553, 2001.

JUSTINO, Rosângela A. “Homossexuais podem mudar”. **Veja**. São Paulo, edição 2125, ano 42, n. 42, p. 15-19, 12 ago. 2009. Entrevista concedida a J. Linhares.

MATIAS, Daniel. Psicologia e orientação sexual: Realidades em transformação. **Análise Psicológica**, v.25, n.1, p.149-152, jan. 2007.

MAUS-MARQUES, Daiane; PESSIN, Liane. **O Lugar do Desemprego na Clínica Psicológica**. In: MONTEIRO, Janine K.; ABS, Daniel (orgs). Desemprego e Saúde Mental: Pesquisa e práticas clínicas de atendimentos psicológicos. Viamão: Entremeios, 2009, p. 137-155.

MONTEIRO, Denise B. R.; JACÓ-VILELA, Ana M. **Fios, seduções e olhares: os primórdios “psi” nas terapias para corpos e mentes perturbados**. In JACÓ-VILELA, Ana Maria; FERREIRA, Arthur A. L.; PORTUGAL, Francisco T. História da Psicologia: rumos e percursos. Rio de Janeiro: Nau Ed., 2006. p. 141-158.

MOHR, Jonathan J., & WEINER, Jennifer L. Weiner. Client sexual orientation and psychotherapists’s clinical perceptions. In E. Page, & B. Firenstein (Coord.), **Current research on bisexuality**: Identity, health and clinical attitudes. Symposium of the American psychological Association, New Orleans, LA, 2006.

NAFFAH NETO, Alfredo. **Paixões e Questões de um Terapeuta**. São Paulo: Agora, 1989.

NAFFAH NETO, Alfredo. **Psicoterapia em busca de Dionísio**: Nietzsche visita Freud. São Paulo: EDUC/Escuta, 1994.

NARDI, Henrique Caetano; TITTONI, Jaqueline; RAMMINGER, Tatiana. Fragmentos de uma genealogia do trabalho em saúde: a genealogia como ferramenta de pesquisa. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 4, p. 1045-1054, jul./ago. 2005.

NARDI, Henrique Caetano. **Ética, trabalho e subjetividade**: trajetórias de vida no contexto das transformações do capitalismo contemporâneo. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

PAIVA, Cristian. Cartografia psicanalítica da homossexualidade. In: PAIVA, Cristian; VALE, Alexandre F. C. (orgs.). **Estilísticas da sexualidade**. Campinas: Pontes; Fortaleza: PPGSociologia/UFC, 2006.

PARISOTTO, Luciana et al. Diferenças de gênero no desenvolvimento sexual: integração dos paradigmas biológico, psicanalítico e evolucionista. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v. 25, supl. 1, p. 75-87 abr. 2003.

REVEL, Judith. **Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Claraluz, 2005.

RUSSO, Jane A. **O Movimento Psicanalítico Brasileiro**. In JACÓ-VILELA, Ana Maria; FERREIRA, Arthur A. L.; PORTUGAL, Francisco T. História da Psicologia: rumos e percursos. Rio de Janeiro: Nau Ed., 2006. p. 141-158.

SERBENA, Carlos Augusto; RAFFAELLI, Rafael. Psicologia como disciplina científica e discurso sobre a alma: problemas epistemológicos e ideológicos. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, n. 1, p. 31-37, jan./jun. 2003.

WELZER-LANG, Daniel (2001). A Construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Femininos**, v. 9, p. 460-482, 2001.